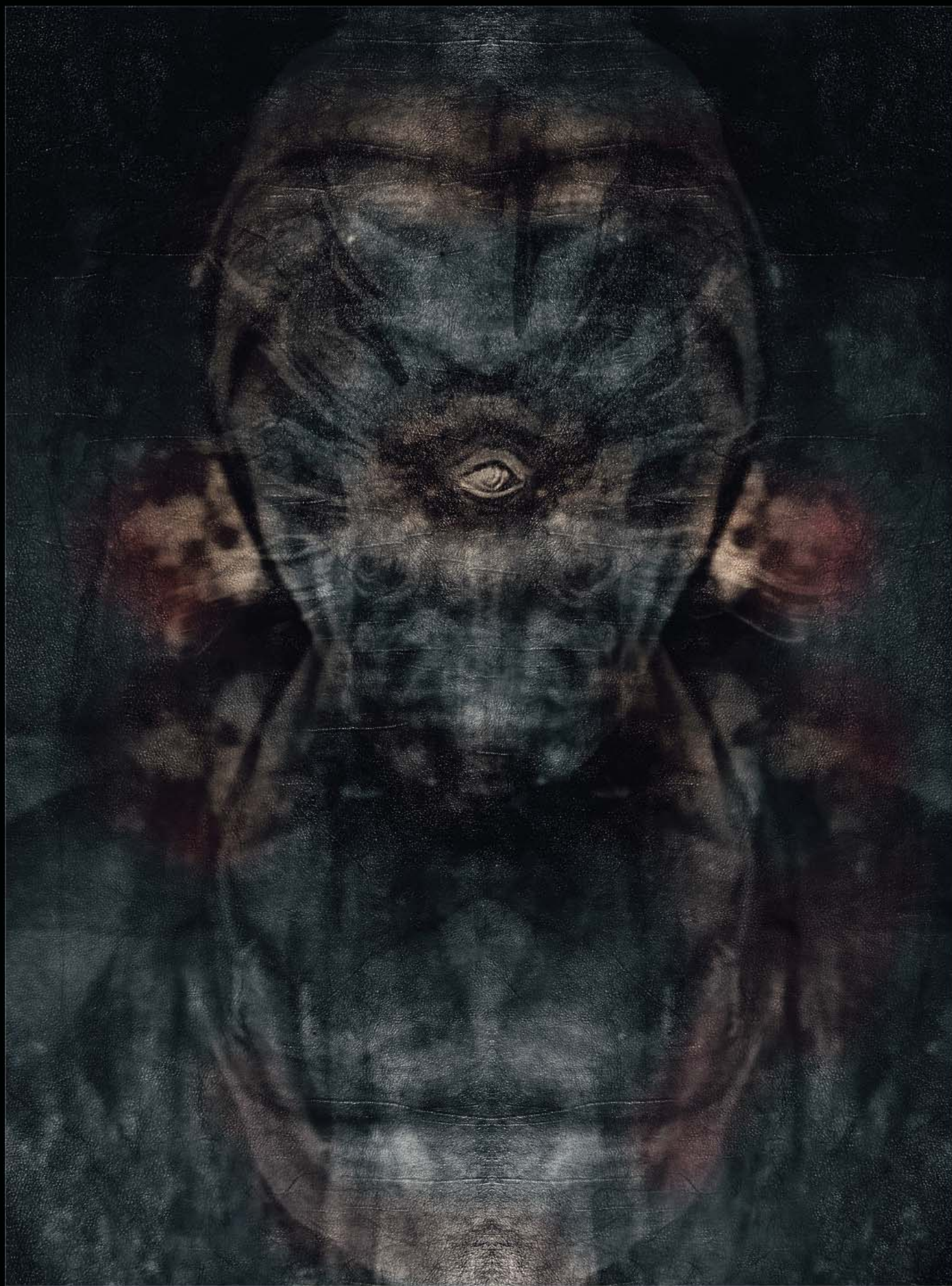


Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XIII VI/VII Era APS





MELANIE LAETITIA MANTIS
W I L L



Editorial

Lurker

Desta feita dedicamos este novo número da Infernus à temática da magia e rituais satânicos. Sendo esta a décimo terceira edição da revista, pareceu-nos adequado juntar um número rodeado de mitos e superstições a um assunto que suscita as mesmas opiniões contraditórias. E já sabemos que opiniões todos têm a sua, mesmo que desprovida de sentido.

Acima de tudo, urge desmistificar esse assunto tão controverso e tão mal interpretado. Os rituais satânicos, enquadrados na Magia Cerimonial ou na Magia Mundana (termos por nós cunhados aquando da publicação de *A Bíblia Satânica*), devem ser discutidos, explorados e, acima de tudo, compreendidos pelo que realmente são. E ao longo das páginas desta revista dedicamos-lhes páginas suficientes para que possam ser melhor interpretados.

E nada melhor do que ir beber directamente à fonte – à falta de uma conversa com Anton LaVey, por estas alturas fisicamente impossível, falamos com Nick Bougas que nos apresenta, num inédito e exclusivo da nossa revista, um relato íntimo das suas experiências com LaVey e dos traços de personalidade de um Satanista de referência. O material aqui encontrado é talvez do mais raro que vos podemos apresentar, por isso disfrutem.

Reservamos também espaço para falarmos um pouco de Fernando Pessoa, aqui pela voz do professor Arlindo Castanho – criador de uma obra literária considerável. Nada melhor do que perceber o pensamento de um dos maiores nomes da Literatura Portuguesa para perceber que o Satanismo não é de agora e que não é necessário alguém se anunciar como Satanista para partilhar do verdadeiro pensamento satânico. Enquadrado no mito de Fausto, é-nos proporcionado um vislumbre sobre o indivíduo de Pessoa, um tema a que certamente havemos de voltar em futuras edições da Infernus.

Como muito bem me lembraram recentemente, passou pouco mais de três anos desde que a primeira edição da Infernus viu a luz do dia. Um número modesto, pobre e simplista, mas que continha toda a essência do caminho que hoje continuamos a percorrer. Temos orgulho no que temos vindo a construir, e na evolução que a revista tem sentido ao longo dos anos – parece que ainda ontem a começamos... Mas o nosso alento não fica por aqui, por isso esperem por muito mais e muito melhor ao longo dos próximos anos e das próximas edições.

Um brinde a mais um marco neste longo percurso! ●

Ficha Técnica

Infernus XIII

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, Outubro, Mosath, BM Resende

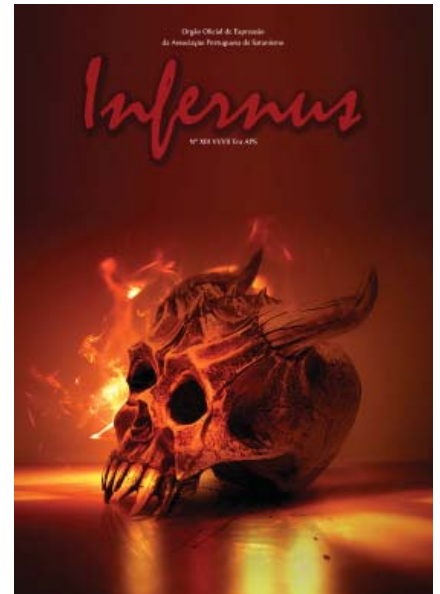
Colaboradores: Nick Bougas, Devis DeV deviLs g, Melanie Laetitia Mantis e Metzli

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

- CAPA: Miika Ahvenjärvi (<http://uribaani.deviantart.com>)
- Pág. 2, 32 e 43 : Melanie Laetitia Mantis (<http://www.laetitiamentis.com>)
- Pág. 4: Daniel Z. (<http://danielitolikable.deviantart.com>)
- Pág. 5, 6 e 7: Foto de Nick Bougas
- Pág. 8: Mustafa Güven (<http://clxade.deviantart.com>)
- Pág. 10 e 11: Stéphane Puech (<http://mlsp8898.deviantart.com>)

- Pág. 12: Nando Pereira (<http://www.sxc.hu>)
- Pág. 13: Melissa Molko (<http://melissamolko.deviantart.com>)
- Pág. 14: Nilay (<http://fiyonk14.deviantart.com>)
- Pág. 15: Kriss Szkurlatowski
- Pág. 16: Alek Bednarski (<http://lubliner.deviantart.com>)
- Pág. 18: Kazikox (<http://kazikox.deviantart.com>)
- Pág. 19: Márcio Lobo (FCC)
- Pág. 20: Foto de Lurker
- Pág. 21: Adomas Rutkauskas (<http://helkathon.deviantart.com>)
- Pág. 25: Paradigme (<http://olhares.aeiou.pt>)
- Pág. 26: L. Palmeiro (<http://olhares.aeiou.pt>)
- Pág. 27: Mama (<http://olhares.aeiou.pt>)
- Pág. 29: Tânia Flores (<http://olhares.aeiou.pt>)
- Pág. 30: Alba Luna (<http://olhares.aeiou.pt>)
- Pág. 33: James Knowles
- Pág. 34: autor Anónimo
- Pág. 39: Emir Kurtaran (<http://emirkurtaran.deviantart.com>)
- Pág. 40 e 41: Benedict Morrissey (<http://ben-morrissey.deviantart.com>)
- Pág. 42: Danny Roozen (<http://dynamad.deviantart.com/>)



ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Divertirmo-nos também é um ritual | 4 |
| <i>Nick Bougas</i> | |
| Rituais Satânicos | 8 |
| <i>Lurker</i> | |
| O Eixo Germano-Lusitano | 10 |
| <i>Arlindo Castanho</i> | |
| Velinas | 18 |
| <i>Devis DeV deviLs g</i> | |
| Acordei sem saber que Ritual era | 22 |
| <i>Mosath</i> | |
| Bacanal | 32 |
| <i>B.M. Resende</i> | |
| Rituais de Iniciação | 35 |
| <i>Mezli</i> | |
| Visita ao Meu Coração | 39 |
| <i>Outubro</i> | |





Divertirmo-nos também é um ritual

Nick Bougas

Depois de sobreviver a meses de uma aborrecida rotina pessoal, repleta de dramas de escritório, a maioria das pessoas procura um escape através de umas breves férias passadas, de preferência, num local exótico, ou de clima tropical. Mas com este vosso escriba, as coisas foram algo diferentes... durante três décadas fiz parte da apressada cidade de Hollywood, do cenário da Califórnia, movimentei-me pelo coração histórico da indústria cinematográfica, saboreei belos pratos nos seus restaurantes, comprei nas lojas mais excêntricas e passei pelas praias de palmeiras alinhadas.



Depois de viver tanto tempo num local considerado por muitos como o mais charmoso e uma das mecas do sol na Terra, nunca poderia adivinhar que a minha escapadela de eleição seria uma estrutura em madeira, tal como um ninho, que se encontrava por detrás de uma teia impenetrável de ligações e fios na localidade enevoadada de São Francisco.

A residência enfadonha, pintada de negro do filósofo, virtuoso e mágico, Dr. Anton Szandor LaVey parecia uma mancha fora deste mundo no meio de uma fileira de moradias mais dignas.

Dentro das suas bafientas paredes, acabei por passar excelentes fins-de-semana a convite de Anton e durante essas incursões a minha imaginação foi liberta, tal qual aqueles jovens da antiga Grécia que tinham lições ao colo de Platão.

Durante as minhas diversas estadias, era frequente o Anton passar algum tempo à parte para estar com admiradores que se encontravam a visitar a costa Oeste dos Estados Unidos e que tinham conseguido uma visita formal para o conhecer. Muitos dos visitantes eram celebridades do mundo das artes, música e filmes... muitos eram devotos da ritualística satânica e encontravam-se em peregrinação para conhecer o seu Papa. Estes últimos eram frequentemente personagens enamoradas de alguma paródia, pois usavam longos trajes vitorianos e grandes medalhões de Baphomet. Mesmo quando ostentavam estranhos pseudónimos como Belial Serpentine ou Wolfgang Hades e não se calavam acerca das suas relíquias presentes nas suas câmaras ritualísticas e dos gongos de som soberbo que tinham importando, o Anton aceitava este grande respeito nutrido pela sua pessoa e aceitava-os nas suas discussões e concertos.

Como espectador um tanto estupefacto, apercebi-me que muitos destes visitantes de tenra idade tinham sido levados pela imagem popular do preto e misterioso LaVey... um proscrito social que vivia e se encontrava em redor das sombras.

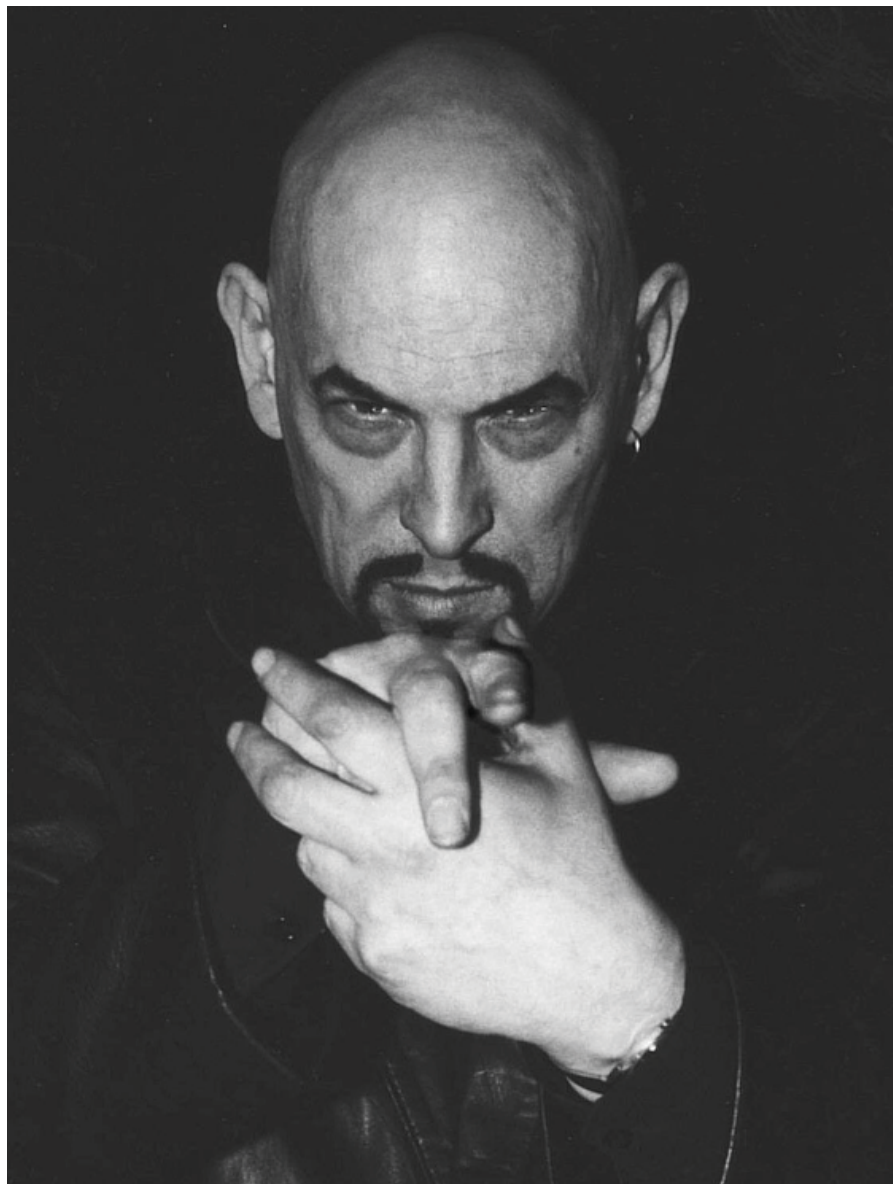
Senti-me privilegiado por estar perto o suficiente do seu objecto de afecto para me aperceber que o Doktor era bem mais amigável e acessível do que os seus fãs poderiam pensar, (não como o nosso professor de ciências favorito na escola) uma alma querida, inquisitiva e um pensador incessante, que tirava grande prazer ao manipular as leis mais básicas da física, para nosso entretenimento, bem como para o dele.

Na sua vida privada, o Anton era tanto o Captain Kangaroo como o Dr. Phibes. Tinha uma sagacidade voraz e estava constantemente na brincadeira e a fazer comentários sarcásticos sobre “temas sagrados” do dia-a-dia. Os elementos mais próximos dele dispendiam a mesma quantidade de tempo a rir, como a respirar!

Fiz várias tentativas para captar e partilhar esta qualidade maravilhosa e pouco explorada da natureza de LaVey, no documentário que fizemos e que se intitula *Speak of the Devil*. O filme apenas contém uma pequena sequência ritual simbólica... o resto é uma celebração ao pensador, músico e com um hobby na temática infernal.

Quando me perguntam acerca das práticas satânicas ritualísticas de Anton, devo dizer que tenho poucos conhecimentos a partilhar, uma vez que sempre fui o mais conservador de

“Sempre que podíamos eu e o LaVey abríamos os baús das nossas memórias, limpávamos o pó a velhas melodias e lançávamos os seus sons no ar da noite, para, por breves momentos, mas arrojados viverem novamente.”





todos os amigos do Dr. LaVey... o que nos unia era o meu conhecimento enciclopédico de músicas antigas e obscuras, assim como filmes e personagens.

Na realidade o Anton apreciava o facto de eu não ser um conjunto standardizado igual aos outros... comigo ele sentia-se livre para ir por novas vias que teriam grande significado na sua vida futura, como o reviver de sonoridades clássicas. Sempre que podíamos eu e o LaVey abríamos os baús das nossas memórias, limpávamos o pó a velhas melodias e lançávamos os seus sons no ar da noite, para, por breves momentos, mas arrojados viverem novamente.

As nossas sessões de maratona musical costumavam começar por volta das 8 ou 9 horas da noite e nunca terminavam antes da manhã do

dia seguinte. Ele tinha a música nos dedos e eu as letras na minha cabeça, por isso perdia-se pouco tempo à procura de pautas... apenas uma música inspiradora atrás de outra. Ocasionalmente, um de nós declarava entusiasticamente, “Hey, que tal esta?” e iniciava uma música e o outro seguia satisfeito a acompanhar. Esse era o nosso ritual...

Frequentemente também tínhamos uma pequena plateia, íntima e da nossa escolha pessoal, Blanche e Sandy e alguns amigos. Nessas noites eu era rotulado de Warblig warlock... o Doc era o Campari, por isso era como um cigano. Para nosso contentamento aquele público cativo respondia ao nosso número de sonoridades cómicas com aplausos efusivos e gargalhadas e as baladas mais sentidas pode-

riam levar a sentidas lágrimas.

Foi realmente o melhor tempo da minha vida. O Anton tinha um modesto gravador de cassetes em cima do órgão e por vezes ele gravava enquanto dedilhávamos e cantávamos. Quando uma pequena editora local soube que o LaVey estava a fazer estas sessões nocturnas, eles contactaram-no para fazer uma gravação em estúdio, mas receando que não conseguiria replicar o som que ele obtinha no seu quarto de música com o seu equipamento e dedicação, ele rejeitou a oferta. Os produtores depois perguntaram-lhe se podiam editar algumas das suas edições caseiras, o que levou o Anton a telefonar-me a ver se me importava de “tornar público”. Inicialmente fiquei algo embaraçado com essa noção, uma vez que tínhamos feito aquelas gravações no espírito do momento, mas o Doc parecia bastante entusiasmado com este projecto, por isso concordei. Embora ache que o resultado lançado em 1995 *Satan Takes a Holiday* deveria ser unicamente instrumental, a minha participação em várias músicas não me parece totalmente descabida e não tira a atracção ao disco. Foi um sucesso enorme a nível do *underground* e ainda sou felicitado por ter acompanhado o LaVey nesta sonoridade livre.

De forma irónica, o Doc tinha muitos músicos consagrados na sua esfera de conhecidos, mas tendiam a



“(...)o Doktor era bem mais amistoso e acessível do que os seus fãs poderiam pensar, uma alma querida, inquisitiva e um pensador incessante, que tirava grande prazer ao manipular as leis mais básicas da física, para nosso entretenimento, bem como para o dele.”





ser almas novas que tocavam *rock* ou *heavy metal* e não se sentiam atraídos para a sua preferência musical.

Depois de actuar sozinho durante décadas, o Anton ansiava por uma fonte fidedigna de colaboração musical, mas foi deixado com um mundo de harmonia, que ficou dentro dele numa forma dormente. Eu tinha febrilmente acumulado muito conhecimento *vintage*, apenas por puro entretenimento e devido a um fascínio pessoal sobre este tema, mas nunca tinha cantado nada na presença de outras pessoas. Quando nos apercebemos destas ideias e ambições por realizar em cada um de nós, isso abriu um canal de comunicação que o Anton não partilhou com mais ninguém e senti-me extremamente feliz por ter tropeçado nestas circunstâncias únicas.

Uma vez, depois de uma sessão inspirada de cantar e tocar chegando ao ponto da exaustão, reparamos que o sol já tinha nascido e decidimos sair para tomar um pequeno-almoço de madrugada... assim que passamos pela sala-de-estar reparei num conjunto de fotografias que tinha trazido comigo e tirei uma do topo. Era um retrato espectacular que tinha tirado de Anton a segurar a sua cobra de estimação, a Boaz, e a foto tinha

um grande espaço branco no fundo. Entreguei a fotografia ao Doktor e de uma forma brincalhona disse *"olha só para todo o espaço branco da fotografia, que pena... tens de me encher este espaço com um grande e gordo autógrafo."* O Anton sorriu e começou a procurar uma caneta e respondeu *"Fico encantado por fazer isso agora mesmo para ti, meu amigo"*. Ele pegou na fotografia, elevou-a bem alto e olhou para o tecto por breves momentos... a sua cabeça baixou lentamente e olhou para mim. Tinha uma expressão bastante séria... depois a sua cara fez uma expressão de satisfação e ele começou a escrever. Entregou-me a fotografia com um brilho nos olhos e disse: *"Quero que saibas que sinto mesmo isso."* Quando olhei para a inscrição, estava escrito *"Para o Nick, que compreende... Anton Szandor LaVey"*.

Foi nesse momento que me apercebi quanto aqueles momentos realmente significavam para ele. E esse sentimento era e ainda é mútuo, sem qualquer comparação... até este dia daria tudo o que possuo para ter apenas mais uma madrugada de música e festa com o incomparável maestro Mefistófoles. •

"Quando uma pequena editora local soube que o LaVey estava a fazer estas sessões nocturnas, eles contactaram-no para fazer uma gravação em estúdio, mas receando que não conseguiria replicar o som que ele obtinha no seu quarto de música com o seu equipamento e dedicação, ele rejeitou a oferta."





Rituais Satânicos

Lurker



Existe um pré-conceito sobre o que é realmente um ritual satânico que é preciso combater. Para além da câmara ritualística, todos praticamos rituais mais mundanos, mas sempre com o mesmo objectivo. O seguinte texto convida-vos a descobri-lo.

A temática dos rituais satânicos é provavelmente uma das mais complexas e abrangentes na filosofia do Satanismo. Não foi por acaso que LaVey dedicou um livro inteiro (*The Satanic Ritual*) a esta temática. Mas, infelizmente, as suas palavras são muitas vezes mal interpretadas em relação à ritualística satânica.

Um assunto tão complexo tem, por paradoxal que possa parecer, uma explicação muito simples. Um ritual não é mais do que uma teatralização da realidade destinada a alinhar as forças que rodeiam os que os realizam para a concretização de um determinado objectivo. Sem querer parecer demasiado simplista, esta poderá ser uma abordagem inicial a este tema que provavelmente dará uma boa ideia da sua magnitude.

Muitas vezes deparamo-nos com reacções negativas face ao que existe escrito sobre rituais, nomeadamente nos livros de Anton LaVey. É provável e natural que assim seja, porque o que se está a ler não é a definição do ritual (seja ele qual for), mas sim a visão específica de quem o descreveu (neste caso, LaVey). Isso significa que o que se está a ler é a teatralização específica de LaVey de uma realidade que para ele faz sentido, no sentido de obter o que se propõe com a sua realização.

Se ele se veste com uma capa, usa uma espada e um cálice, um altar humano feminino e grita "*Hail Satan!*" uma série de vezes, é porque isso para ele faz com que sejam maximizadas as forças que o rodeiam para a concretização de um objectivo específico. Isso poderá ser considerado ridículo por outros, mas se calhar faz sentido para cada um uma teatralização diferente. No entanto, o que ambos pretendem atingir é o mesmo resultado.

Talvez seja mais fácil explicar com um exemplo simples. Se repararmos, nas provas de atletismo é usual ver-

mos os atletas a prepararem-se para a prova. Muitos têm tiques dos mais esquisitos que se possa pensar, desde falar sozinhos, mexer os braços de forma descoordenada, correr para trás e para a frente, beijar amuletos, etc. De facto, o que todos estão a fazer é concentrarem-se para a prova que vão realizar, para terem o melhor resultado possível. Na verdade, o que eles estão a fazer é um ritual. Estão a teatralizar a realidade através desses gestos (muitos são mímicas da prova que vão realizar de seguida), tentando alinhar as forças que os rodeiam (força física, agilidade, focalização no objectivo, visualização mental do resultado, etc.) para obterem o resultado que pretendem.

Como também é fácil de ver por este exemplo, se no final de toda esta ritualização, não realizarem a prova (corrida, salto, lançamento, seja o que for), não conseguem obter o resultado que pretendem. E esse é precisamente o ponto fulcral de um ritual satânico! Depois de fazer o ritual, onde se alinham as forças para concretizar um



certo objectivo, o Satanista coloca-se em campo para atingir esse mesmo objectivo. Ou seja, o ritual não é uma expressão de desejo (o que se passa tipicamente numa reza religiosa, por exemplo), mas apenas uma focalização para a concretização de um objectivo. O Satanista não espera pelo resultado, vai à sua procura. Que provavelmente será mais fácil de atingir, dada a focalização e alinhamento que saíram do ritual que executou.

A única razão para se fazer um ritual é para se obter um resultado. Se não fosse assim, não fazia sentido. Desperdício e perda de tempo não “rimam” com Satanismo...

A grande questão é: mas como se consegue o resultado pretendido através da realização de um ritual?

Assumido que não existe espaço para acreditar em forças supra/supernaturais, deuses e lixo do mesmo estilo, o que nos resta? Apenas o que é real, o que é natural. E isso engloba não só aquilo que conseguimos ver, apalpar, ouvir, enfim, tudo o que é tangível, mas também tudo o que sentimos, intuimos, pressentimos, enfim, tudo o que é intangível. É precisamente neste último ponto que se foca um ritual...

A ideia chave de um ritual é alinhar toda a vontade do indivíduo na prossecução de um determinado objectivo, seja ele qual for. E isso faz-se através de um refinamento dos sentidos (por exemplo, se o que se pretende é comprar uma mota nova num bom negócio, ter o sentido da visão e audição mais receptivos a indicadores que permitam encontrá-lo) - o que é tangível - e um refinamento da (chamemos-lhe o que quisermos) força interior - o que não é tangível. Simplesmente, todos os nossos sentidos, pensamentos conscientes e inconscientes, estarem sintonizados com o objectivo que se pretende atingir. E isso torna mais fácil consegui-lo, quando nos colocamos em campo para o fazer.

Este exemplo não se desgasta apesar da farta utilização: pensemos num atleta de alta competição a concentrar-se para uma prova. Por exemplo, em atletismo a preparar-se para uma final dos 100m livres. Existe um estádio inteiro a fazer ruído, um conjunto de outras provas a decorrer ao mesmo tempo, e sete adversários aos lados dele. Toda a pressão de uma final, todo o culminar de uma época de treinos e, em muitos casos, de uma carreira. A possibilidade de ser eliminado por uma falsa partida. A competição entre os oito atletas, em que apenas um

dos quais será campeão. O que ele tenta fazer, antes de iniciar a sua prova, é concentrar-se completamente na corrida de 10 segundos que vai fazer, alhear-se completamente de tudo o que está à sua volta, de tal forma que não ouve nada que não seja o bater do seu coração e a pistola de partida, não vê nada que não seja a linha de chegada, não sente nada que não seja a adrenalina a percorrer as suas artérias e musculatura. E isso vai prepará-lo física e mentalmente para a prova, e só com a conjugação das duas vertentes é que ele conseguirá atingir o seu objectivo, que é ser campeão... O que ele faz não é mais do que um ritual, em que se concentra através de um conjunto de tiques, movimentos, enfim, tudo o que o faça concentrar na sua prova. Não usa um robe, nem um cálice, nem uma espada, mas está mais concentrado na prossecução do seu objectivo do que muitos Satanistas alguma vez irão estar, devido à eficácia do seu ritual, também praticado muitas outras vezes.

O poder de um ritual só pode vir de um lado: de cada um. Não existe mais nada ou ninguém no Satanismo que possa dar poder, que não seja o indivíduo. Ele é o centro do seu mundo, é quem o faz girar. Se giramos à volta de outro mundo, não somos um planeta, somos um satélite. Como a nossa Lua, estéril, sem vida, desprovido de sentido que não seja rodar à volta da Terra, fervilhante de vida. *"I am my own god"*, como dizia Paul Satele, um dos mentores dos rituais satânicos...

O que custa mais é o primeiro passo. Cada um que se dá custa menos do que o anterior, numa estrada com apenas um fim: a morte. O iniciado na prática do ritual satânico concerteza não conseguirá atingir a plenitude dos seus resultados com os rituais que pratica actualmente, mas irá refinando-os com a prática, e eventualmente serão mais fáceis de realizar, mais objectivos, mais eficazes. Como em tudo na vida, os resultados só advêm da insistência, perseverança e força de vontade. O cérebro é apenas mais um músculo do nosso corpo, é preciso exercitá-lo para que fique tão forte como pretendemos...

Quanto a rituais satânicos propriamente ditos, por serem tão pessoais e subjectivos, são impossíveis de tipificar. O que cada Satanista pode referir é a sua visão pessoal e única sobre um determinado ritual. Não faz sentido estarmos a discutir rituais específicos, porque cada Satanista terá que elaborar os seus, para obter os resultados que

“O ritual não é uma expressão de desejo (...), mas apenas uma focalização para a concretização de um objectivo. O Satanista não espera pelo resultado, vai à sua procura.”

pretende. E um ritual não tem que ser feito numa sala, com um altar, ou com qualquer objecto ou frase descrito seja onde for. Pode ser um simples exercício mental, pode ser tão simples como se queira, ou tão elaborado quanto se queira. Exactamente porque um ritual é apenas o que se pretende fazer dele. Aí reside a sua verdadeira simplicidade.

Inconscientemente, todos realizamos rituais diários. Quando nos levantamos, se calhar fazêmo-lo sempre da mesma forma. Ou quando nos vestimos. Ou quando conduzimos. Ou quando realizamos uma tarefa no trabalho. Ou quando vamos à casa de banho. Ou quando comemos. Ou quando ouvimos uma música. Ou quando nos deitamos. Por mais insignificantes que possam parecer, são pequenos rituais que nos deixam ficar psicologicamente mais preparados para lidar com as incidências do dia-a-dia, e que, sem eles, alguma coisa parece não estar bem. Podemos começar a abordagem a este tema por aí, ficando atentos a estes pormenores e evoluindo depois para situações mais complexas.

Deixemo-nos de fantasias: um ritual é uma coisa própria, individual. Como tudo o resto no Satanismo. LaVey tinha os seus, refinados ao longo dos anos de prática; cabe a cada um de nós encontrar os nossos. Senão, não seremos o nosso planeta mas (mais um) satélite do planeta LaVey... estéril, e desprovido de sentido.


Acima de tudo, um ritual depende unicamente de quem o realiza. Essa é a sua base principal. Aliás, é virtualmente a base do Satanismo. ●



O Eixo Germano-Lusitano

A construção da imagem do Fausto,
de Cipriano de Antioquia a Fernando Pessoa

Arlindo Castanho



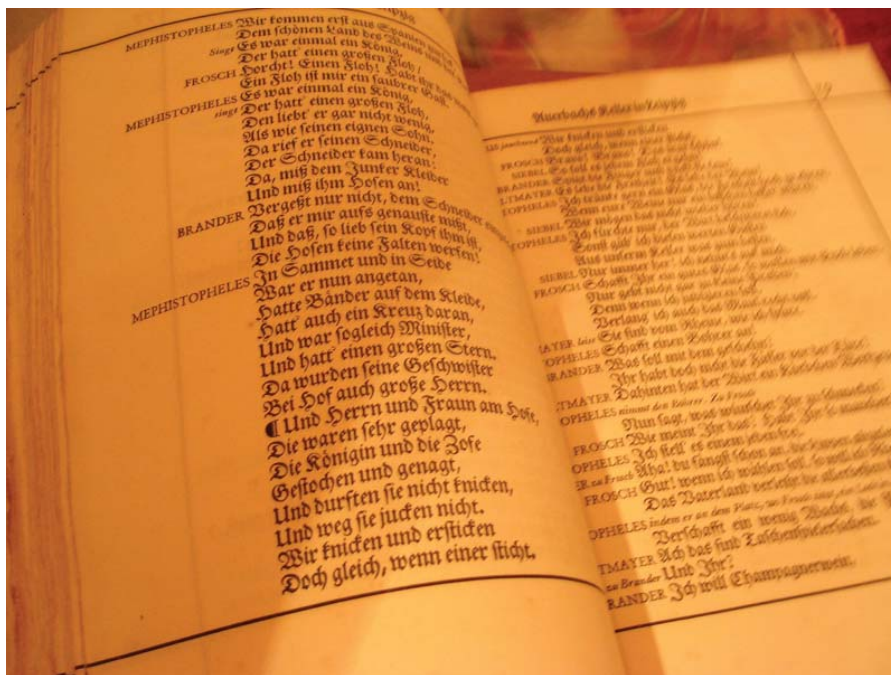
[Faust:] *On a tant écrit sur moi que je ne sais plus qui je suis. Certes, je n'ai pas tout lu de ces nombreux ouvrages, et il en est plus d'un, sans doute, dont l'existence même ne m'a pas été signalée. Mais ceux dont j'ai eu connaissance suffisent à me donner à moi même, de ma propre destinée, une idée singulièrement riche et multiple.*

P. Valéry, Lust. La demoiselle de cristal – em «Mon Faust» (ébauches)



Neste estudo, que se pretende meramente introdutório às problemáticas abordadas, optei por eleger a imagem do Fausto como padrão universal do homem que ousa desafiar os limites do humano; limites que, quer se trate de um indivíduo de escol, empenhado na exibição de uma titânica *hybris*, ou de um pequeno arrangista mais ou menos consciente da sua irremissível pouquidade, tenta ultrapassar através da aliança com uma potência sobrehumana, fundamentalmente maligna. É claro que, entre este Fausto arquetípico e muitas das personagens que aqui considerarei como seus avatares, existem profundas diferenças a não desprezar. Preferi, contudo, correr o risco de simplificar, convicto de que essa redução ao essencial me permitiria, neste caso, alcançar pontos de vista que espero possam ser tidos por aceitáveis e, eventualmente, produtivos.

Despontam em diversas literaturas, e em várias épocas, personagens históricas, para-históricas ou míticas aparentadas com a do Fausto, e muito anteriores ao de Goethe. As tradições em torno à atribulada história Teófilo, por exemplo, só por si dariam azo a um ou vários aturadíssimos estudos. Contudo, e na esteira dos pressupostos apresentados no parágrafo anterior, reputo lícito deixar de parte a longa fileira de escritores que glosaram tal tema, entre os quais se descortinam Rosvita, Afonso o Sábio, Gauthier de Coincy, Rutebeuf, Berceo. Entre os que vieram depois de Goethe, e que no entanto continuaram a cultivar essas mais antigas tradições faustianas *lato sensu*, tocará a mesma sorte às revisitações oitocentistas da lenda nacional de São Frei Gil de Santarém, mesmo que ostentem a ilustre assinatura de um Almeida Garrett (*D. Branca*, 1826) ou de um Eça de Queirós (o conto *S. Frei Gil*, publicado póstumo). E o mesmo sucederá a outros *Faustos* post-goethianos, como será o caso, por exemplo, de *Don Juan und Faust* de Christian Dietrich Grabbe (1829) e



de *Mon Faust (ébauches)* de Paul Valéry (1946) – este último a merecer um ulterior confronto com o *Fausto* de Pessoa, de que é praticamente contemporâneo do ponto de vista genético. À falta desse almejado confronto, que nesta sede resultaria deslocado, note-se pelo menos que o *Faust* de Valéry se revela, tal como o *Fausto* de Pessoa, uma obra incompleta; mas a pretensa incompletude da obra de Valéry não parece ser mais do que uma espécie de *mise en scène*, de estratégia retórica habilmente conge-minado pelo autor, enquanto o *Fausto* de Pessoa é um texto genuína e irremediavelmente fragmentário, publicado só após a morte do autor (ocorrida em 1936) e em duas versões bem diversas – seja pelo modo como os respectivos organizadores puseram em prática a margem de discricionariedade necessária à reconstrução do texto, seja pela quantidade dos documentos originais a que tiveram acesso. Parecem-me dignos de destaque, pelo contrário, dentro da perspectiva restritiva que por ora elegi, os testemunhos faustianos – sempre *lato sensu* – universalmente mais divulgados de entre o teatro espanhol de Seiscentos; e também aqui procedo a uma intencional restrição, deixando de fora, por exemplo, a peça de Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza *Quien mal anda en mal acaba* (de data incerta: 1602?), que Aldo Ruffinatto considera muito mais pertinente ao tema do Fausto do que as obras de outros mais afortunados dramaturgos da época, habitualmente trazidas à colação a tal propósito.

O que parece seguro e particularmente nos pode interessar é que, após a morte do Fausto histórico, ocorrida

em torno a 1540, já por volta de 1560 a história fantasiada do mago alemão circulava em Espanha, tendo-se tornado popularíssima, até, entre os estudantes de Salamanca. Mas às lendas que rodeavam o Fausto histórico foram preferidas, na literatura espanhola do *Siglo de oro*, as que diziam respeito aos seus “antepassados” paleocrístãos Cipriano de Antioquia e Teófilo, e aduma espécie de “Fausto português” do séc. XIII, Frei Gil de Santarém, como se pode desumir da leitura dos dramas *El esclavo del Demonio*, de Mira de Amescua (1612), e *El mágico prodigioso*, de Calderón de la Barca (1637).

É indiscutível a influência exercida por *El esclavo del Demonio* sobre *El mágico prodigioso* (evidenciada, por exemplo, na tomada de empréstimo da cena da aparição do esqueleto) – ainda que Mira de Amescua se tenha directamente inspirado nos relatos à época disponíveis sobre o já mencionado “Fausto português” do séc. XIII, por ele eleito como protagonista do seu drama, e que Calderón tenha preferido tomar por base uma tradição faustiana muito mais antiga – isto é, a que se refere ao legendário mago de Antioquia, posteriormente convertido ao cristianismo, martirizado e beatificado; beatificação que a Igreja anulou no século passado, tomando em conta a completa ausência de dados históricos minimamente credíveis acerca da existência deste Cipriano, que mais parece despontar do amálgama de elementos biográficos avulsos, próprios de várias personagens históricas pagãs suspeitas de bruxaria, como Apuleio, e de alguns ecos espúrios a propósito do passado de um outro Cipriano – este,

**“optei por eleger a
imagem do Fausto
como padrão universal
do homem que ousa
desafiar os limites do
humano”**



indubitavelmente histórico –, S. Cipriano de Cartago, que incidem sobre as presumíveis dissolutezas deste último, antes da sua remissora conversão. Calderón baseou-se na lenda de Cipriano de Antioquia, assim como era transmitida em vários hagiologios, *Flos Sanctorum* e *Acta Sanctorum* correntes na época, e sobretudo na *Legenda aurea* de Iacopo da Varazze.

A partir de Quinhentos, se não antes, começa a circular em Portugal um autêntico *grimoire*, *O Livro de S. Cipriano*, que ainda hoje é um *best seller*; será até, muito provavelmente, o livro mais difundido no âmbito da cultura popular, em renhida concorrência com o que podemos considerar como o seu exacto contrário – isto é, com a Bíblia. A popularidade de S. Cipriano é já atestada, por exemplo, na *Tragicomédia da Exortação da Guerra* de Gil Vicente (1514?) – onde, aliás, o seu nome é invocado por um *clérigo nigromante*, parente próximo de outros que mais adiante se hão-de referir. Além das mais variadas receitas de bruxaria – algumas delas viciosas, ou repugnantes,

ou até francamente sádicas –, cada uma das versões do *Livro de S. Cipriano* que tive ocasião de consultar, velhas de alguns séculos ou recentíssimas que fossem, contém, sem qualquer excepção, o resumo da história do controverso santo que do livro é o autor putativo. Se não antes, pelo menos as versões setecentistas do livro, e todas as que se lhes seguem, incorporam outra história que ilustra igualmente a possibilidade de instrumentalizar o diabo, aceitando o pacto com ele e retractando-o logo após se ter obtido quanto se pretendia: é a história do agricultor francês Victor Siderol, que aqui não exponho por obedecer ao modelo que neste momento já nos é por demais conhecido.

Não parece que Fernando Pessoa tivesse algo que ver com este particular tipo de faustismo, desde sempre presente na cultura popular portuguesa. Mesmo as mágicas manigâncias do Mefistófeles de Goethe o deveriam deixar de todo indiferente ou fazer sorrir, se tanto: «Não poder oração de arte negra/ (Puerilidades não! para quê citá-las?)»

Provocar a verdade a que se mostre...». É, pois, natural que pouco lhe interessassem as diversas tradições em torno a Cipriano, a Teófilo ou a S. Frei Gil de Santarém, de que a literatura nacional de outras eras nos não deixou de legar conspícuos exemplos. Aliás, só em relação a S. Frei Gil – a quem se atribuíra uma velha profecia, particularmente sugestiva para quem, como Pessoa, tanto se interessava pelas elucubrações sebastianistas em torno à utopia do *Quinto Império* – o poeta de *Mensagem* viria a manifestar algum interesse, se bem que de modo inconcludente. As preferências de Pessoa iam, no âmbito esotérico, sobretudo para os domínios – ainda mais inquietantes, para as diversas *doxai* de cariz cristão – da Gnose, os quais se distinguem pelo seu carácter eminentemente intelectualista. A magia era por ele encarada, em geral, com uma ponta de suspeição – se não mesmo de desprezo –, na medida em que lhe parecia um modelo de experiência esotérica particularmente perigoso, funcionando frequentemente como

“Não parece que Fernando Pessoa tivesse algo que ver com este particular tipo de faustismo, desde sempre presente na cultura popular portuguesa”



uma lâmina de dois gumes. Por outro lado, Fernando Pessoa detectava, no que ele definia como a via mágica para a iniciação, uma perigosa propensão para a queda nos mais pesados erros de percurso, por parte do iniciado: é fácil enganar-se, é fácil deixar-se desviar do bom caminho e acabar subjugado por potentes miragens, num lugar bem di-

“o diabo de Pessoa assume aspectos positivos, na qualidade de “amigo dos homens” que os procura imunizar contra as leis comportamentais de fundo religioso”

verso e muito menos desejável do que aquele a que se julga ter finalmente arribado.

Partindo do pressuposto de que existem três vias iniciáticas fundamentais – a gnóstica, a mística e a mágica –, Pessoa avisa-nos de que cada uma delas é atreita a diversos erros e perigos:

“There are Errors of the Path, Errors of the Inn and Errors of the Cave. Those are errors of the path where the path itself is taken for its purpose. Those are errors of the Inn where half-way is taken for all the way. Those are errors of the Cave where the cave, which is at the base of the Castle, is taken for the Castle itself (is taken for the Hall of the Castle).” “These errors are common to all paths, and that of Gnosis is no more free from them than the mystical and the magical paths.”

Mas, ainda que estes erros sejam “common to all paths”, duas dessas três vias parecem a Pessoa mais propensas ao erro: a mística e, sobretudo, a mágica:

“The paths of Mysticism and of Magic are often paths of delusion and of error. Mysticism means essentially trust in intuition; Magic means essentially trust in power. Intuition is an operation of the

mind by which the results of intelligence are obtained without the use of intelligence. Power, in the sense of magical power, is an operation of the mind by which the results of continuous effort are obtained without the use of continuous effort. Both, however long they may take to operate, are short cuts to knowledge.

In a certain sense both Mysticism and Magic are confessions of impotence. The Mystic is a man who feels he has not the strength of thinking in him to get the truth by thinking. The Magician is a man who feels he has not the strength of will in him to get to truth (or to power) by strength of will. The idle girl who guesses things, or guesses at things, is a mystic within her shallow province; she is too lazy to try to know. The peasant woman who tries to keep her husband’s love by charms and potions is a magician within her garret-frontiers; she is too ignorant and too weak to strive to do so by direct charm, by persistent seduction. In both cases there is an evasion.

This does not mean – or, at least, it needs not mean – that the results of Mysticism or of Magic are necessarily wrong. It does mean, however, that there is no criterion by which we can distinguish a wrong from a right result in one path or the other. In the Gnosis, where we employ intellect, we have at least the ballast of reasoning; we can at least compare one <result> with another, examine whether they be contradictory either each within itself, or one in respect of the other. We may not reason well, but we do reason. If we go wrong it is because we go wrong and not because we are wrong, as in the other two paths.”

Ainda que a falta de interesse de Pessoa pelas crenças populares resulte bastante evidente das citações que acabo de reproduzir, o poeta sempre acabou por absorver alguns elementos da cultura mágico-religiosa do povo português; por exemplo, no que diz respeito à preconização de uma espécie de compromisso simultâneo do indivíduo com Deus e com o diabo. Esta relação ambígua é emblematicamente sintetizada pelo ditado de ampla circulação europeia “O diabo não é tão feio como o pintam”, e ainda mais pelo ditado – este, ao que parece, mais especificamente nacional – “Deus é bom, mas o diabo também não é mau.”

As preferências de Pessoa vão, porém, para o diabo, e não para o Deus judaico-cristão: o diabo de Pessoa assume aspectos positivos, na qualidade de “amigo dos homens” que os procura imunizar contra as leis comportamentais de fundo religioso – não porque escarneça os postulados da lei moral, mas por não aceitar que estes se



baseiem nalguma forma de terror. Este diabo pessoano parece parente próximo quer do *daimon* de Sócrates, quer daquele “bom diabo” do anónimo tardoseiscentista ou setecentista *O Fradinho* (ou *Diabinho*) da *Mão Furada*, na medida em que também ele se revela um estrénuo defensor das mais nobres virtudes: amor pela verdade, elogio da razão, paixão pela vida e – *last but not least* – absoluto respeito pelos mais íntimos sonhos e pela autonomia moral do indivíduo.

Este último e fundamental aspecto encontra a sua mais expressiva ilustração no enigmático pacto que o próprio Pessoa assinou, ainda que sob o disfarce heteronímico de Alexander Search, com o próprio diabo, aí identificado como *Jacob Satan*, em Outubro de 1907; quando ao poeta pouco faltava para a comemoração do seu décimo-nono aniversário, portanto, e provavelmente cerca de um ano antes que começasse a escrever os primeiros fragmentos do *Fausto*:

Bond entered into by Alexander Search, of Hell, Nowhere, with Jacob Satan, master, though, non king, of the same place:

1. *Never to fall off or shrink from the purpose of doing good to mankind.*

2. *Never to write things, sensual or otherwise evil, which may be to the detriment and harm of those that read.*

3. *Never to forget, when attacking religion in the name of truth, that religion can ill be substituted and that poor man is weeping in the dark.*

Never to forget men's suffering and men's ill.

+ *Satan.*
his mark."

O segundo ponto deste peculiaríssimo pacto confirma o particular respeito do poeta pelas mais íntimas aspirações e pela autonomia moral do indivíduo; princípio que se reflecte e amplifica, nos projectos literários de Pessoa, na sua categórica recusa de um certo tipo bastante corrente de uso mágico da literatura. Pode-se falar, com efeito, de poderes mágicos da literatura, uma vez que esta é capaz de alterar estados de consciência, de excitar os sentidos e acicatar paixões (pense-se, por exemplo, no livro que estimulou a queda no adultério de Paolo e Francesca – a insinuante *Storia di Lancillotto del Lago*, em tudo equivalente, do ponto de vista funcional, ao filtro mágico que desencadeou a insana paixão entre Tristão e Isolda).

Esta responsabilidade tomada por Pessoa, esta sua dedicação absoluta a





um projecto literário segundo o qual a “magia da literatura” nunca deverá ser senão uma “magia branca”, pode no entanto ser classificada como *satânica* ou, melhor ainda, *luciferina* (tendo em conta os valores positivos que um certo livre-pensamento, primeiramente iluminista, depois romântico e por último decadentista, atribuiu ao termo); mas seguramente nada há, nela, de propriamente *diabólico*. Neste juramento, que Fernando Pessoa não assinou com o seu próprio nome e no entanto haveria de respeitar ao longo de toda a vida, o poeta indica claramente que não ambiciona nem o poder nem o prazer, mas antes a potenciação de todas as suas energias postas ao serviço da elevação imaginativa, intelectual e estética. Aí formula, portanto, a sua decidida recusa de utilizar as suas capacidades artísticas para estimular sensualmente e/ou passionalmente os seus eventuais leitores. Esta preocupação moral, com o seu quê de calvinista, tem sido aliás compartilhada – pelo menos no que respeita à quase total ausência de erotismo na escrita – por muitos escritores contemporâneos italianos, entre os quais figuram em posição de destaque os sicilianos, em geral, e Leonardo Sciascia, em particular.

A este ponto, após se ter precisado que tipo de diabo é o concebido por Pessoa, resta averiguar que Fausto é o seu – isto é, que relações se podem descortinar entre o seu e os outros Faustos, e muito particularmente o de Goethe; e ainda, no que concerne especificamente à sofrida versão pessoana do mito de Fausto, que relação aí se estabelece entre Fausto e o diabo. Julgo conveniente começar por tentar delinear uma ampla panorâmica da valên-

cia de Fausto no imaginário do homem ocidental contemporâneo – imaginário que se alimenta sobretudo de lugares-comuns, de vulgarizações e de alusões mediáticas, no lugar do directo conhecimento das obras literárias de temática faustiana.

Tome-se em consideração, como exemplo do que acabo de afirmar, um artigo de Luca Fontana publicado no *Diario della settimana* de 24/11/2000, em parte dedicado às mais recentes fobias alimentares dos europeus – especificamente, à *doença das vacas loucas* –, não por acaso intitulado *Addio, mito del Faust*, que o jornalista começa assim: “*Che dire del mito del Faust, mito uma-*


**“Este diabo pessoano
(...) também ele se
revela um estrénuo
defensor das mais nobres
virtudes: amor
pela verdade, elogio da
razão, paixão pela vida
e – last but not least –
absoluto respeito pelos
mais íntimos sonhos e
pela autonomia moral
do indivíduo.”**




nístico per eccellenza che identifica sapere e potere, oggi che scienza, etica, politica ed economia parlano lingue separate e specializzate?" (sublinhados meus). Para começar, a frase citada contribui para a divulgação de uma imagem errada do mito de Fausto, tal como este se apresenta hoje radicado na nossa cultura – isto é, fundamentalmente graças à universal assimilação da versão transmitida por Goethe: bem ao contrário do que o jornalista sugere, o Fausto de Goethe inicia o seu percurso de danação precisamente quando se dá definitivamente conta de que a ciência, em geral, e a sua ciência, em particular – na medida em que ele representa ainda o modelo renascentista do homem de ciência –, nada mais são que uma manifestação da *vanitas* deprecada no Eclesiastes. O mito da ciência onipotente, a que se refere o jornalista, talvez tenha mais que ver com o Fausto pré-goethiano – e, mesmo assim, só se aceitarmos por boa uma (discutível) identificação de fundo entre ciência e magia. A propalada *identificação entre saber e poder* seria mais razoavelmente ilustrada com o mito do Golem, tal como este nos foi sendo transmitido desde as tradições cabalísticas medievais até ao *Frankenstein* de Mary Shel-

ley (1818), ou então através do soberbo guião de Hampton Fancher e David Peoples para o filme *Blade Runner* de Ridley Scott (1982); mas mesmo nestes dois casos tal identificação é-nos apresentada como um sonho blasfemo da razão, e o temerário que se abalança à concretização de tais delírios acaba sempre por sofrer um castigo exemplar. O Fausto de Goethe é, bem pelo contrário, o homem de ciência que troca o saber humano – que ele reputa completamente inútil, no fundo – pelo poder: um poder ilícito, inatural, blasfemo, de que só poderá dispor graças à ajuda do diabo; e mesmo esse poder, assim obtido, manifesta-se no *Faust* de Goethe como fundamentalmente ilusório.

O Fausto de Pessoa, por seu lado, não demanda nem saber nem poder: é um intelecto sensível quase no estado puro, capaz de intuir o profundo Horror que está no âmago do mundo (e, sob este aspecto, pode o nosso autor ser tido como um “parente refinado” de certos escritores fantásticos como H. P. Lovecraft ou Arthur Machen). Para fugir a esse Horror essencial e indescrevível, almeja alcançar – sem sucesso, por causa da sua *incapacidade de deixar de pensar* – uma espécie de anes-

tesia, de álgido nirvana, de estase atárxica. Ao contrário do Fausto solar de Goethe, que ousa manipular o joanino “No princípio era o logos” até o transformar, bastante arbitrariamente, em *Im Anfang war die Tat!*” (*Faust*, v. 1237), o Fausto lunar de Pessoa, a anos-luz do primeiro, exclama: “Ah, o horror metafísico da Acção!” Muitos outros aspectos correlatos mereceriam a nossa atenção, todos eles decorrentes deste processo pessoano de sistemática subversão do *Faust* de Goethe; mas aquele que certamente não posso deixar passar em claro, mesmo num trabalho de tão modestas proporções quanto este, é o que tem que ver com o tratamento reservado pelo poeta de *Orpheu* à fatídica frase “Zum Augenblicke dürft’ ich sagen: / Verweile doch, du bist so schön!” (Goethe, *Faust*, vv. 11581-2). É por demais sabido que o Fausto de Goethe pronuncia tais palavras no âmbito de uma sua visão prospectiva, em que antegozo o sucesso dos seus planos reformísticos de ordem económica e social. É também pouco mais do que um lugar-comum o considerar que ele pronuncia essas palavras, que se comprometera a nunca proferir aquando do seu pacto-aposta com Mefistófeles, porque quer morrer e jogar a sua última, desesperada possibilidade de subtrair-se à eterna companhia do demónio (e não entro no mérito, porque são contos largos, das intenções subjacentes à sua estratégia de construir a frase no condicional). O Fausto de Pessoa, pelo contrário, pronuncia algo de muito semelhante, “Que o tempo cesse! / Que pare e fique sempre este momento!”, mas dentro de um contexto situacional e intencional completamente diverso: o que ele não quer é morrer – pelo menos, nessa “fase intermédia” (segundo a reconstrução de Teresa Sobral Cunha) do drama –, preferindo a esse comum destino uma espécie, não menos inquietante, de criogenização ou cristalização do eu.

Pessoa está bem longe, ainda, de compartilhar a imagem que Goethe dá do diabo no seu *Fausto*, como parece confirmar este passo do conto *A Hora do Diabo*: “[fala o diabo:] Não sou, como disse Goethe, o espírito que nega mas o espírito que contraria”. E *contraria* – não *nega* – porque contrapõe sempre a um dado modo de ver um segundo, inteiramente diverso mas tão pertinente quanto o primeiro. É a mesma atitude que se evidencia, aliás, nas manifestações de *experimentalismo sensacionista* do próprio Pessoa: *experimentalismo sensacionista* claramente cultivado em textos ortónimos e heteronímicos e de que cito, como exemplo, as famosas



aspirações (absolutamente programáticas) “Sentir tudo de todas as maneiras,/ Ter todas as opiniões,/Ser sincero contradizendo-me a cada minuto (...)”. E esse modo de contradizer, experimentando tudo de todas as maneiras, ainda mais evidente se torna quando se contrapõe o que diz o seu Fausto ao que diz o heterónimo Alberto Caeiro:

“O único mistério no universo
É haver um mistério do universo.
Sim, este sol que sem querer ilumina
A terra e as árvores, e as estações todas;
As pedras em que eu piso, as casas
brancas,
Os homens, o convívio humano, a história,
O que se passa – tradição ou fala –
Entre alma e alma – as vozes, as cidades –
Tudo nem traz consigo a explicação
De existir, nem tem boca com que fale.
Por que razão não raia o sol dizendo
O que é? Por que motivo sossegado
Existem pedras sob os meus passos, e ar
Que eu respiro, e eu preciso respirar?
Tudo é uma máquina monstruosa e
absurda.
Com todo o corpo e o ver [?], terra da
alma,
Ignoramos.

O único mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!

O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os
pensamentos
De todos os filósofos e todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e é boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?

A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

“Constituição íntima das cousas”...

“Sentido íntimo do universo”...

Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.

É incrível que se possa pensar em cousas dessas.

É como pensar em razões e fins

Quando o começo da manhã está raiando,
e pelos lados das árvores

Um vago ouro lustroso vai perdendo a

escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.”

E ainda:

“Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era Natureza.”

A maneira de encarar o mundo próprio do heterónimo Caeiro, a que não será descabido atribuir uma certa parentela com a mentalidade característica do Budismo Zen, está manifestamente nos antípodas daquela que informa a citação precedente do Fausto do ortónimo Pessoa; mas ambas se integram complementarmente num plano mais vasto, o do *experimentalismo sensacionista*, programa genuinamente proteico já atrás ilustrado com um significativo passo de Álvaro de Campos (sendo este heterónimo – pelo menos deste ponto de vista – muito mais “mestre dos restantes” do que o próprio Caeiro, a quem Pessoa atribuía explicitamente, pelo contrário, tal primazia).

O anjo danado da pessoana *Hora do Diabo* não está pelos ajustes, como já vimos, com a definição que dele dá Goethe. E ainda menos lhe agrada o papel que o mesmo lhe atribuiu no *Faust*: “um alemão chamado Goethe (...) deu-me um papel de alcoviteiro numa tragédia de aldeia”. E que papel lhe atribui Pessoa, por sua vez, no seu *Fausto*? Aparentemente, nenhum – uma vez que aí não comparece como personagem e nem sequer é nomeado, com a excepção de uma fala que Pessoa hesitava quanto a atribuí-la a Fausto ou a Lúcifer. Mas, na verdade, Lúcifer encontra-se sempre lá, em cada fragmento, em cada momento, praticamente monopolizando a cena: e isto porque o Fausto de Pessoa com ele se identifica, pelo menos parcialmente (“Eu sou o inferno. Sou o Cristo negro/Pregado na cruz ígnea de mim mesmo”). É um seu emissário, uma sua hipótese, e não destoa reconhecer neste Fausto o filho esperado por uma certa Maria (Maria como a Mãe de Cristo, Maria como a personagem feminina do *Fausto* pessoano),

**“Neste juramento,
que Fernando Pessoa não assinou com o seu próprio nome e no entanto haveria de respeitar ao longo de toda a vida, o poeta indica claramente que não ambiciona nem o poder nem o prazer, mas antes a potenciação de todas as suas energias postas ao serviço da elevação imaginativa, intelectual e estética.”**

quando esta manteve com o anjo rebelde o interessantíssimo diálogo transcrito na *Hora do Diabo*. Parece-me lícito encarar o Fausto de Pessoa como a chegada ao estado adulto do ser em gestação a quem o diabo inoculou algo de si próprio, antes de se despedir de Maria, a futura mãe sua interlocutora na *Hora do Diabo* – deixando-nos, aliás, a dúvida de que ele próprio pudesse ter sido o responsável (indirecto, pelo menos) pela geração do nascituro. Eis porque o diabo só de esguelha se entrevê entre as personagens do drama pessoano (e mesmo assim, como acabámos de ver, numa fala cuja atribuição ao *príncipe das trevas* se revela sumamente problemática), eis porque todo e qualquer aceno a um eventual pacto diabólico lhe é completamente alheio.

O tema promete, creio, e é muito o que fica por dizer. Este artigo não pretende ser senão um modesto primeiro passo numa rota que, ainda que já bem delineada e sobremodo estimulante, permanece quase toda por desbravar. ●

Texto original publicado em: *Artifara*, n. 1, (luglio - dicembre 2002), sezione Monographica,

<http://www.artifara.com/rivista1/testi/Fausto.asp>



VELINAS

O Culto Contemporâneo do Diabo no Norte da Europa

Devis DeV deviLs g.



Procuramos cultos do Diabo na Idade Média, a relação da Inquisição e a caça às bruxas, mas algo tão perto de nós e tão actual muitas vezes passa-nos ao lado e é considerado uma excentricidade. Pode ter outro nome, mas o aspecto e as características são as mesmas – Velinas – é o representante ancestral e actual do Diabo. Um culto Lituano que sobreviveu até aos dias de hoje!

As pessoas que têm grandes noções antropológicas pensam em Yezidis quando ouvem falar acerca de um culto contemporâneo na Europa. Normalmente referem-se aos expatriados Yezidis, maioritariamente a viver na Alemanha, considerando aqueles que escaparam do Iraque e Síria, como modo de se refugiarem dos fanáticos religiosos. Os Yezidis consideram Melek Taus como o deus exibicionista, identificados pelos muçulmanos como Lucifer ou Satanás, e este é visto como um ar-



canjo benevolente que criou o cosmos. Como os Yezidis têm sofrido uma grande perseguição ao longo do tempo isso fez com que a sua religião quase desaparecesse, deste modo eles esconderam as suas crenças bem no meio dos ideais do Islão.

Até aqui, isto é algo do conhecimento geral, mas o que muitas pessoas não sabem é que aconteceu quase a mesma coisa nas entranhas das florestas do norte da Europa, na Lituânia. Ainda nos dias de hoje as pessoas com crenças pagãs praticam um culto que não tem nada a ver com o neo-paganismo ou o revivalismo wicca, mas é uma religião realmente pagã que sobreviveu todo este tempo.

Essas pessoas formam uma comunidade étnica religiosa que continua a pulsar de tradições pagãs que persistem também no folclore da Lituânia e nos seus costumes.

Estou a falar de Romuva, uma crença pagã que sobreviveu à cristianização e além disso ao estalinismo do século XX. É um facto que os lituanos fazem parte da história como os representantes conservadores do paganismo europeu, sendo os últimos nómadas e também eram praticantes de um politeísmo indo-europeu.

Vamos ver brevemente a sua história. No séc. XIII, o papa Gregory IX declarou as cruzadas contra estes descrentes bálticos. De forma inteligente e para evitar a exterminação, o Grand Duke Mindaugas da Lituânia cristianizou-se a ele próprio e à sua família em 1251. No entanto Mindaugas continuava a adorar entidades pagãs e isso é referenciado em crónicas contemporâneas. Os lituanos também não queriam alterar as suas crenças e por isso é que o sudeste da Lituânia só foi cristianizado oficialmente muito mais tarde em 1387, enquanto que o norte da Lituânia ainda esperou até 1430 para ter a sua primeira dose de água benta. E ainda em 1565 os Jesuítas voltaram a lutar contra os idólatras satânicos. Mais tarde no século XVIII ainda

havia rumores que o povo lituano continuava a praticar o paganismo. A igreja católica até adoptou um tipo de disfarce pagão para tentar substituir as antigas entidades por santos, uma vez que o paganismo era tão forte entre a população, que não era possível erradicá-lo. Mas o romanticismo do século XIX fez com

que as antigas raízes lituanas florescessem novamente e devido ao revivalismo nacional até os intelectuais se voltaram para o folclore pagão de antigamente. No início do século XX as tradições anciãs ainda estavam bem vivas nos costumes populares, embora nas grandes cidades as pessoas celebrassem os festivais pagãos



“Actualmente, o Romuva é uma fé oficial dos Balcãs, de acordo com a Lei das Comunidade e Associações Religiosas, que foi aprovadas na Lituânia em 1995.”





Velinas

numa mistura com as superstições cristãs. Pelo facto do paganismo ser um símbolo do nacionalismo lituano, este foi oficialmente erradicado aquando da ocupação soviética em 1940. Os russos anexaram pela força este país e re-baptizaram-no como “República Socialista Soviética da Lituânia”. Sendo assim, foi durante a ocupação soviética que o Romuva teve a maior perseguição, devido ao facto do culto se centrar no nacionalismo e a maioria dos seus praticantes foi deportada para trabalhos escravos na Sibéria.

Foi conhecido a existência de um grupo de Romuva dentro de um campo de escravos em Inta, na Rússia. No entanto, mesmo durante os anos 70 existiram locais na Lituânia chamados “Vales do Diabo”. Neles viviam gentes do povo em comunidades fechadas e isoladas que pareciam suspensos no tempo. Estas pessoas “idolatravam Satanás” de acordo com os rumores da época, mas naturalmente que eram apenas camponeses que praticavam cultos pagãos, mas que deviam parecer bastante “diabólicos” aos olhos do homem urbano do século XX.

Quando alguns dos membros de Romuva foram libertos dos campos da Sibéria, depois da queda do estalinismo, regresaram à Lituânia. Mas a perseguição soviética não parou e houve a condenação de alguns membros deste culto, mesmo no exílio. Por isso não é de espantar que durante a Guerra Fria as actividades de Romuva mais organizadas ocorreram na América do Norte.

No final dos anos 80 quando o poderio da União Soviética estava a di-



minuir e a independência da Lituânia já se vilumbrava, vários grupos Romuva começaram a organizar-se nas nações dos Balcãs e as pessoas passaram a praticar abertamente os seus rituais pagãos.

Actualmente, o Romuva é uma fé oficial dos Balcãs, de acordo com a Lei das Comunidade e Associações Religiosas, que foi aprovadas na Lituânia em 1995. Apesar de haver aderentes de Romuva por todo o mundo, esta é uma religião primordial na Lituânia, em que praticar este culto pagão é considerado por muitos como uma forma de orgulho cultural.

O termo Romuva talvez seja derivado de raízes bálticas “ram”, que por sua vez provém da linguagem proto-indo-europeia, que significa calma, serenidade, sossego. Este termo apareceu pela primeira vez escrito por Peter Von Dusburg, um cronista dos Cavaleiros Teutónicos do século XIII, referindo-se à religião Romuva como sendo tanto um culto, como também um templo pagão

localizado na ex-Prússia. Alguns estudiosos têm dúvidas acerca da semelhança entre a palavra Romuva e “Roma”, dando azo a discussões de que o que Peter Von Dusburg realmente fez foi inventar um nome de forma a fazer com que este culto fosse como uma “anti-igreja”, para ser destruído pelas cruzadas dos cristãos Teutónicos, contra as pessoas do satanismo báltico. No entanto, e por mais estranho que pareça, podem ser feitas comparações com as religiões romanas pagãs pré-cristãs, uma vez que ambas as religiões partilhavam um clássico politeísmo da “trindade”, formado por 3 deuses, que é algo comum entre as religiões indo-europeias.

De acordo com as tradições antigas existe o Rei dos deuses, que em Romuva se chama Perkunas e da mesma forma que Jupiter, ele também é o deus dos relâmpagos e trovões. O segundo deus, Patrimpas, no culto Romuva, é o deus da Primavera, tal como Marte para os an-

“(…) podem ser feitas comparações com as religiões romanas pagãs pré-cristãs, uma vez que ambas as religiões partilhavam um clássico politeísmo da “trindade”(…)”



tigos Romanos, que lhe deram dado o nome do mês de Março, a época da Primavera. Por fim o terceiro deus, Quirinus, ou Romulus, fundador de Roma, endeusado pelos antigos romanos depois da sua morte e este corresponde a Velinas, deus do sub-mundo na crença Romuva.

Como quase todos os deuses politeístas, também os deus lituanos têm uma natureza ambivalente, mostrando um lado benevolente e outro terrível. Velinas é um deus onde este tipo de dupla personalidade é manifestada abertamente. É também o deus que se considerava mais perto do povo, pelo que muitas pessoas têm a sua figura dentro de casa. A igreja cristã nunca gostou deste costume lituano e sempre tentou lutar contra o folclore lituano, pois Velinas está caracterizado tal como o Diabo.

Muitos estudiosos argumentam que no início o seu aspecto seria semelhante a Cernunnos, partilhando características animais, mas é inegável que se parece com o Old-Nick, com cornos, cauda e cascos!

E é desta forma, caracterizado fisicamente como o Diabo cristão,

que ele é mantido como uma entidade entre os populares. Foram criadas uma quantidade incrível de representações de Velinas, o Diabo, na Lituânia actual. E é por isso que a segunda maior cidade da Lituânia e antiga capital, Kaunas é um dos mais curiosos locais satânicos no mundo, o museu Zmuidzinavicius, é conhecido como o “Museu do Diabo”, mas na linguagem lituana é “Velniu Muziejus”, ou o Museu de Velinas. Este museu apresenta uma colecção de cerca de 3000 esculturas do Diabo, em que cerca de 90% provém do folclore lituano. Este são trabalhos quase todos feitos à mão, representado Velinas (também conhecido por Diabo) como um amigo e companheiro da Humanidade. Aqui o Diabo é muitas vezes representado com um sorriso nos lábios, a conversar com outras pessoas, a tocar algumas melodias, mas todas as figuras recuperam o papel terrível que Velinas teve e podem vê-lo atrás de um monge com a sua forquilha, ou agitado no ar como um anjo vingativo sobre as pessoas.

Esta colecção diabólica foi começada pelo pintor Antanas Zmuid-

zinavicius, que morreu em 1966, tendo-a iniciado 60 anos antes, em 1906, quando o seu amigo, o escritor Tumas Vaizgantas, na sua casa em Kaunas, lhe ofereceu por brincadeira um pequeno Diabo feito em madeira, saudando Zmuidzinavicius com uma antiga maldição lituana “Que colecciones Diabos para o resto da tua vida, Anatanas!”... Repararam no estranho facto do recorrente número 6...6...6??? •



***“O Velniu Muziejus
apresenta uma
colecção de cerca de
3000 esculturas do
Diabo, em que cerca
de 90% provém do
folclore lituano.”***



Acordei sem saber que Ritual era

Mosath

“O Livro de Belial contém os princípios da magia e do ritual satânicos. Antes de tentar os rituais do Livro de Leviathan, é imperativo que leia e compreenda todo o Livro de Belial”

Bíblia Satânica, Anton Szandor LaVey





Acordei sem saber que Ritual era...

Este meu artigo, a ser lido com mente aberta, tem como intenção fluir pelas dimensões dos Rituais, da Magia, dos Cultos, e de rectos preparativos, mas não só num período actual.

Um Ritual, ou aquilo que conhecemos dele, pode ser uma forma de concentrar energia, ou um esforço, em prol de algo; pode ser uma frase que se repita; um discurso; um gesto que se encena ou se exagera, antes de um jogo ou de um trabalho ou de um evento...

Ritual, nos nossos dicionários recentes, é “referência aos ritos”; um suposto livro “congregando cerimónias a serem observadas na realização de um Culto”; ainda, um “conjunto de práticas consagradas pelo costume ou pelas normas e que devem testemunhar em determinadas ocasiões”...

Magia, nos nossos dicionários recentes, descreve-se em “arte que aspira agir sobre a natureza, obtendo resultados contrários às suas leis comuns, quer por meio de ritos – mais ou menos – secretos, quer pela utilização de propriedades da matéria que se diz serem desconhecidas”; “feitiçaria; bruxaria”; “fazer aparecer e desaparecer objectos, por via de truques”; “produção de efeitos extraordinários por meios artísticos”; “encanto e fascínio”; ainda, a “religião dos magos”...

Culto, nos nossos dicionários recentes, insere-se nas ideias de “cultivado, esmerado, instruído, civilizado, sabedor”, bem como no “conjunto de práticas religiosas usadas para homenagear o divino”; “respeito ou veneração que se dedica a alguém”; ainda, o “burlesco nome dado ao gesto em que os párcos recebem quantias monetárias prestadas a santos e entidades divinas por demais”.



Aqui e agora, há que perder um bocado do tom de náusea difícil que a Magia parece conter. Magia e Ritual que são usualmente tão naturais, que até vos decepcionam – o vislumbre – ...



Presentemente, há quem julgue que Magia e Ritual são apenas coisas complicadas, com vários passos a dar e medidas a adoptar, mas não deixando de o poder ser também – adicionando as definições dos dicionários recentes –, são coisas momentâneas, viscerais e quicá simples, como por exemplo, a ingestão de uma bebida com um lema gritado, antes de um actor entrar em cena ou bebericar uma cerveja, ao mesmo tempo que se faz contacto visual com a nova cliente do café.

O Ritual é a criação de um ambiente próprio, uma utopia de sentimentos e imagens em cima da mesa, capaz de nos fortalecer o ego à tomada de algum objectivo com mais garra. A Magia é criação nossa de todos os dias, diria, sejamos mais ou – até – menos atentos! E depois o Ritual é a Magia e a Magia é o Ritual...

Neste artigo, tentarei levar-vos até as palavras entediantes do que estou aqui a dizer na forma mais calma, pois se a transformação de areia em ouro será fitada como Magia, o acto de fazer alguém vincadamente se apaixonar pela nossa alma também haverá de o ser. Se a disposição de espadas, punhais e imagens num altar é julgada como um Ritual, a ingestão de um café a todos os finais de tarde numa esplanada perto do mar, também haverá de o ser.

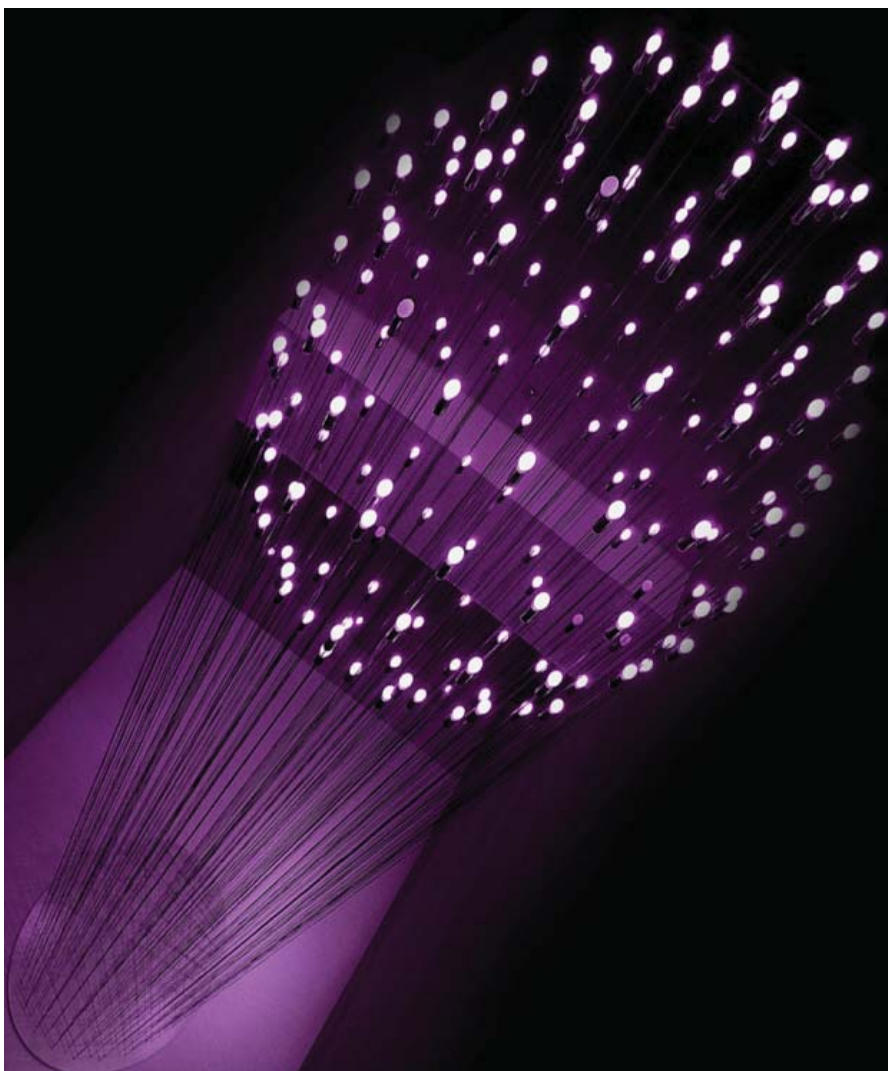
As especiarias, os pós de perlimpimpim, as varinhas de condão, os tronos medievais nem sempre fazem jus ao tema nos livros da biblioteca onde estão fechados. Aqui e agora, há que perder um bocado do tom de náusea difícil que a Magia parece conter. Magia e Ritual que são usualmente tão naturais, que até vos decepcionam – o vislumbre – ...

Prestar Cultos e elaborar Magia acompanha o Homem há muito, muito, tempo, com certeza. Não sendo novidade para ninguém, proponho falar um bocado – iniciando tudo com face mais esotérica – acerca do Culto e da Magia que os Antigos Egípcios desenharam nos seus tempos de existência.

Nos anais da sua civilização, os encantamentos e olhares mágicos eram prestados à própria e inata Natureza que tudo cria, abraça e fornece. Elementos como ar, fogo, vento, terra e água, eram venerados, adorados pelos humanos de então. É claro que isto se adveio antes de cada um iniciar a/uma demanda de adoração e Culto aos deuses que mais os satisfiziam. Contudo, não significaria que a carga mágica ou a disposição para Rituais diminuíssem;

nada disso! No Antigo Egipto, cada nome de deus significava uma miscelânea autêntica de ambientes e acções ritualistas, a qual ambicionava estar acima de qualquer carga emocional mundana. As crenças dos faraós traçaram a linha de Rituais e Cultos do seu povo. Era por acreditarem que as cerimónias fúnebres lhes concediam a ideal passagem para a vida depois da morte, uma vida similar à terrestre e contudo muito melhor – ideal – que se encorajaram para preparar os ambientes nos túmulos no limiar da perfeição, ficando o espírito absolutamente agradado na outra dimensão em que estaria em comunhão divina. O Culto e Ritual para a vida depois da morte eram meticolosos, prestados pelo sacerdote que, à medida que abria o corpo e removia os órgãos, cultuava a última morada do faraó enquanto matéria física em e com litanias e invocava as energias que levariam a essência do defunto para a outra vida. Numa tábua fúnebre, o cérebro do morto era retirado através do seu nariz, num processo cuidado e verdadeiramente ritualista, onde nada falhava. Cérebro que após ser removido, não era preservado, pois os Antigos Egípcios acreditavam que não era importante, facto que se entende, numa civilização que cultuava a vida após a morte, onde o espírito era toda a razão e a beleza física a semente que germinava a obra terrestre, com monumentos e acções para adorar os portais da morte. Um outro gesto que se fazia nesta cerimónia ritualista, era o preenchimento do corpo e das partes guardadas com vinho, já que o álcool era conhecido como o destruidor natural de germes. Para concluir a cerimónia fúnebre, de Culto para a imortalidade, o corpo era revestido por uma espécie de sal para finalmente ser acolhido em ligaduras grossas. A Magia egípcia de Culto à imortalidade do corpo humano era assim concluída, num conjunto de cânticos, palavras e crenças religiosas. As jóias eram os elementos mágicos, cuja tarefa era afastar os espíritos diabólicos da pureza do defunto. E assim, a Magia estava realizada; o braço religioso da complexidade e diversidade do Antigo Egipto que cultuava absolutamente a morte em vida, a imortalidade em gestos megalómanos...

As crenças eram espelhadas na vitalidade de morrer e renascer na outra vida, porém, a capacidade criadora e graça de força interior dos faraós eram muito evidenciadas na arte e no engenho. E todas essas evidências foram colocadas em informação que nos chegou às mãos estudiosas, informação e literatura em forma de hinos, encanta-



mentos, litanias, feitiços e outros textos, igualmente escritos nas paredes dos templos magníficos e nas paredes dos túmulos, locais de Culto e Ritual, adicionando ainda a existência de tais componentes em papiros, sarcófagos e estátuas. As crenças diversificadas do Antigo Egito traduzem-se nas múltiplas imagens inventariadas à natureza e à vida animal e humana, imagens poderosas utilizadas nas Magias e nos Cultos do povo. As mesmas imagens eram fatias nas personalidades dos deuses adorados em Rituais, desde os deuses locais, passando pelos minoritários, até aos cósmicos ou principais e dependendo da amplitude do poder, o Ritual desdobrava-se em maiores ou menores usos de energia e sabedoria.

No Antigo Egito, os animais eram acreditados pelos poderes mágicos que continham através dos desígnios dos deuses. E é claro que os templos, as moradas simbólicas dos deuses e da centralização da criação, continham animais variados. Toda a decoração produzida nos templos era já um modo de Culto religioso, mas não só, pois repara-se na presença de

gravuras representativas dos faraós a derrotarem inimigos e a encaixarem-se nos tons do cosmos poderoso. Os hieróglifos proclamavam os objectivos e os horizontes do povo, enquanto adoradores da imortalidade e da vitória, inscritos com devoção total nas paredes dos templos cuidadosamente escolhidas, viradas ao alvorecer, para que assim os primeiros raios de sol, os virtuosos, pudessem entrar no santuário. Posso declarar que o santuário acolhia as energias de qualquer criação mágica, onde também acontecia a dramatização da vida social de um deus, similarmente ao que se passava nos festivais gerais, e essa dramatização acontecia três vezes ao dia, entre episódios de limpeza, ornamentos e vestuário para oferta ao divino. Quero realçar que o estado Ritual foi supremo no pensamento do Antigo Egito, mais do que o estado mito. Os faraós eram os sumo-sacerdotes dos Rituais com sacrifícios e oferendas aos deuses pelos tempos dos festivais.

Tais festivais nem sempre eram abertos ao público, em que a entrada nos templos para os Rituais e todo

“O Ritual é a criação de um ambiente próprio, uma utopia de sentimentos e imagens em cima da mesa, capaz de nos fortalecer o ego à tomada de algum objectivo com mais garra.”

um conjunto de cerimónias era muito filtrada. Em importantes festivais, comemoravam-se e prestavam-se Cultos às jornadas dos deuses através das anciãs areias do Egito, tal-qualmente surgimentos de deusas e deuses a personagens importantes do Antigo Egito para ensinamentos, revelações importantes para a fertilidade do império, a qual era sem dúvida uma das coisas mais celebradas nestes Rituais e nestas Magias; e no geral toda a antiga vida social dos deuses.

Julgo aqui ter capturado o essencial do que era culto e produzir Rituais no Antigo Egito, num desenvolvimento da importância do empenho espiritual, agradecimento aos deuses por infra-estruturas e sacrifícios, num tempo de obsessão imortal e de supremacia mágica terrestre para fortalecer a viagem depois da morte.

Vou prosseguir o artigo... antigos Rituais e mitos egípcios têm semelhanças com alguns da Antiga Grécia, por causa das semelhantes estruturas e expressões, com a existência de sacrifícios – representados ou reais –, de riqueza da terra e das tragédias. Passando o artigo para os lados da Antiga Grécia, parece-me que a par das comuns cerimónias religiosas de Cultos aos deuses e às crenças, por Magias e Rituais de sabedoria, temos a ocorrência da teoria, que eu explano, igualmente na arte da Antiga Grécia, como se repara no caso do teatro, das obras da dita tragédia grega, e é em termos de teatro, palco, dança, poesia, que assentará mais a minha passagem textual pela Antiga Grécia... na teoria sobre Cultos e Rituais.

Em tal panorama, temos duas personagens, significando a criação e o



Acordei sem saber que Ritual era...

abraço das emoções e escalas dos humanos, que são Apolo e Dionísio. Entidades motoras da consciência; musas e Cultos gregos. A tragédia, síntese de estéticas, de valores e de alcances, misturou essas entidades, percepções e certezas para criar um carácter representativo humano mais próximo da sua própria existência, aptidão e responsabilidade. Numa lógica de circunstância, a tragédia assentava na figuração de um homem íntegro que, sem culpa, tombava da felicidade na infelicidade, pois o seu modo de agir era impelido pelas forças superiores. No palco e na moldura da tragédia combinavam-se e cruzavam-se acontecimentos funestos com o terror, com a piedade, com o lirismo, com o romantismo e Cultos alegres. Sem dúvida alguma que, o cruzamento de Apolo e Dionísio, causa da tragédia, transformou toda uma consciência humana, ante entendimentos pela vida e pelo universo, assim como benfeitorizou os princípios, as definições e as práticas da cultura humana. O equilíbrio universal é dependente de extremidades positivas e negativas, tal-qualmente de saúdes e desastres, combinados. Aliás, a lei da Natureza espelha-se de forma desenvolvida nas prateleiras da tragédia em análise e nesta acha-se o cenário artístico, no qual Dionísio somente se revela através de Apolo, materializando-se na música ou nos heróis e personagens trágicos. Apolo é o deus da forma e da aparência, logo, Dionísio cruza-se com este para preencher vazios e tanto para evocar a desgraça como a graça: a tragédia! E neste parágrafo, encontramos tantas características, tantos aspectos,

“As crenças diversificadas do Antigo Egipto traduzem-se nas múltiplas imagens inventariadas à natureza e à vida animal e humana, imagens poderosas utilizadas nas Magias e nos Cultos do povo, sempre”

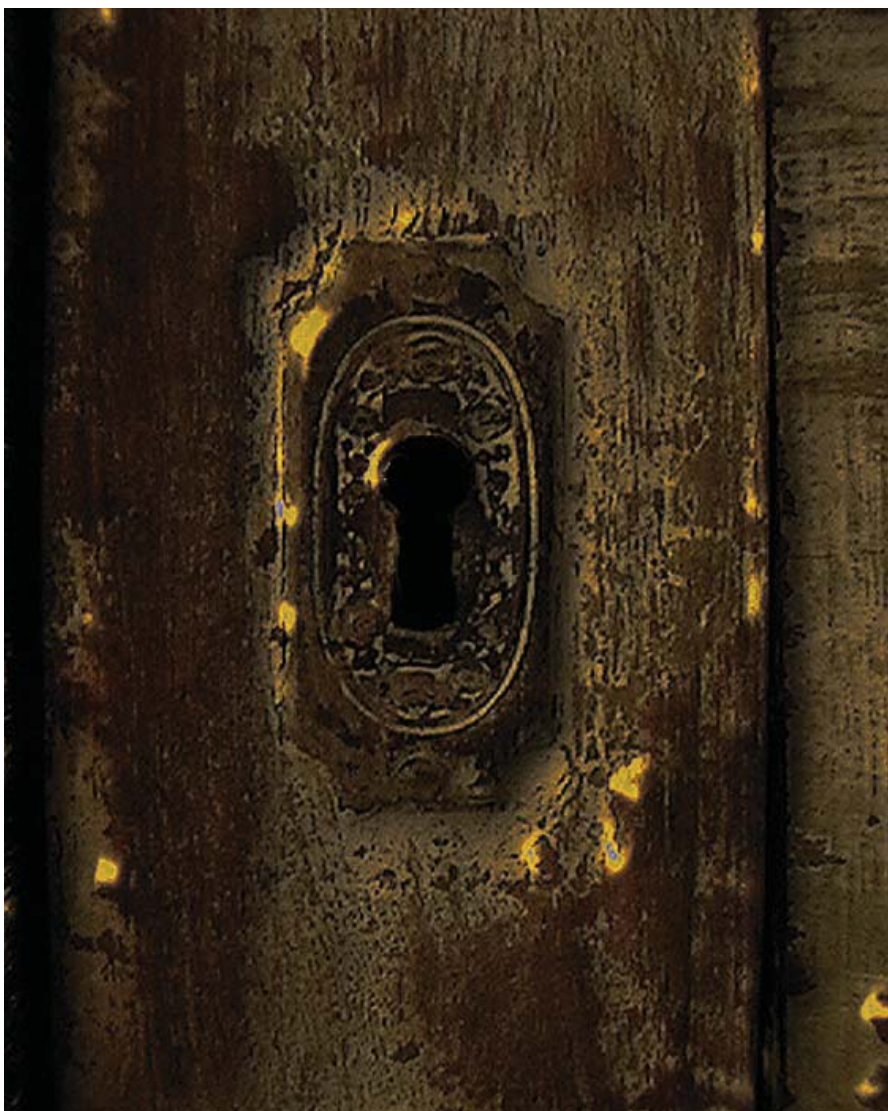


que tudo têm que ver com teoria de Magia e Ritual.

Nesta altura da Humanidade, as coisas ligadas ao Culto religioso, à exaltação da energia espiritual, estavam encenadas também em palco, em arte, na minha opinião. As características do carácter Apolíneo Ritual são a marca da luz, capacidade da imaginação, grandeza da sabedoria, presença da medida, chama do sonho, importância da aparência, o cânone do rigor, a ideia da força majestosa, o princípio do individualismo, mundo da razão, aroma da clareza, a força, o mundo das imagens, a inteligente divisão e singularização. As características do Dionisiaco são a marca da alegria, capacidade da vitalidade, grandeza do excesso, presença da embriaguez e afirmação, chama da força criadora, importância do irracional, o cânone da integração no todo cósmico e do espírito da destruição, a ideia do mundo da vontade, essência do mundo, o caótico, mundo do roubo, aroma da desproporção, fluxo borbulhante da vida, a fúria sexual, o

mundo da noite e a música da sedução, que liberta todas as paixões.

A Antiga Grécia, reparemos, floresceu um bocado em homenagens prestadas aos seus deuses, através de Rituais apreendidos a velhas tribos e dedicados fundamentalmente a Dionísio. Os Cultos e Rituais tinham sempre em vista a melhoria social, política e religiosa do Império, sendo de face aberta como pertence do povo. A opinião religiosa era de cunho social e colectivo, pois a fé primitiva não era individualista, daí que dançar e teatralizar para os deuses fosse um meio de tornar a acção de Culto ou Ritual mais útil, funcional e simples do que qualquer outra coisa. Na dança, colocavam a sua enorme capacidade dramática, através de choros, poesia, adorações com coros e decoração a preceito. Os actores e intervenientes apresentavam odes acompanhadas por flauta e os discursos pragmaticamente ganharam qualidade, a par do encaixe de canções, da atribuição de várias facetas e personalidades a um mesmo actor, entre sacrifícios representados e



danças temáticas.

A participação nos festivais dramáticos, nas Magias do talento humano, era tida como um exercício religioso, logo o mundo parava. O estar no palco ritualista da Antiga Grécia podia ser em três registos: pela tragédia... com as crenças e objectivos de vida, de conceitos divinos e revelações de mistérios do Homem; pela comédia... com leves abordagens e bons risos face a problemáticas e acontecimentos sociais, incluindo ainda danças populares; ou pela sátira... onde se albergavam falos, havia personagens despidos, que representavam algumas blasfémias ou simples gozos perante prazeres instintivos. Todos os poetas e filhas de honráveis famílias ambicionavam entrar nestes jogos de teatro, por serem de superior importância para o desenvolvimento do cidadão pela carga de sabedoria, estética religiosa e profundidade emocional que encerravam.

Este pedaço cosido ao artigo, é verdade, reflecte-se mais num lado artístico de prestar Culto e solicitar Magia

ao divino, ao invés de algo mais cerimonial, em santuário, com silêncio e regra de bom comportamento, mas não deixará de ser interessante, uma vez que contém preparativos e ambientes complexos e poderosos, com gestos de igual estatura.



Saltemos agora para outro orbe ritualista: o Hermetismo.

Aqui preocupam-se com o possuir o segredo supremo do mundo, um espírito essencial apelidado também como a “primeira coisa”. A existência de tal coisa perfeita advém de Hermes como a verdade sem mentiras, o segredo dos segredos. Essa virtude que de tudo declara respostas, deve procurar-se com um trabalho filosófico supremo, pois só assim, sentido pelo Hermetismo, se descortinam aprontadas bem-aventuranças dos Paraísos e as fugacidades da Terra. *Morienus*, um antigo Hermético de Jerusalém – alquimista, filósofo –, disse, mais ou menos, que “quando a boca do Homem não consegue proferir noção de alguma coisa, é sinal que

essa coisa existe naquele espírito e ainda não foi aprendida”. Dentro do espírito uno tudo é a felicidade temporal, saúde corpórea e saúde terrestre. É o espírito da quinta substância (éter), uma fonte de todas as alegrias, aquilo que sustenta o céu e a terra, aquilo que move mar, vento e chuva, aquilo que aguenta com a força de todas as coisas... um espírito de superior excelência sobre espíritos celestes e demais, de onde são expelidas todas as emoções e suas energias. E finalmente, expira as vertentes de bem e mal, salvação e danação. Esta é a essência para a qual se viram todas as crenças dos Herméticos, todos os Cultos e Rituais, porque é ela nomeada de núcleo de verdade suprema, fonte de todas as coisas e equilíbrio universal.

Se algo criou tudo e o assevera, para o Hermético que produz os Cultos em segredo, então é o espírito essencial, que o mundo não pode compreender sem a instrução daqueles que o advogam. O mesmo é de uma natureza misteriosa, força maravilhosa, poder ilimitado. O livro das revelações de Hermes também indica que os santos, no começo do mundo, desejaram observar o seu rosto e logo aqui se pinta o pensamento que será algo incomensurável. Tal espírito é observado de longe e encontrado perto, o todo à nossa volta, em cada lugar e em todos os tempos. Ele tem os poderes de todas as criações, a solidez de todas as acções e perfeições, juntando a revelação de que em virtude desta essência, se consegue florescer em riquezas e idades extremas. Assim, os ritualismos e estudos que os Herméticos realizam, muito misteriosa e por menorizadamente, são para se alinhar na carne deste alvo.

O Hermetismo é estudo e prática da filosofia oculta e da Magia e igualmente associado à alquimia e à astrologia.


“Nesta altura da Humanidade, as coisas ligadas ao Culto religioso, à exaltação da energia espiritual, estavam encenadas também em palco, em arte, na minha opinião.”




Hermes Trismegistus, uma deidade que combina aspectos do deus grego Hermes e do deus egípcio *Thoth*. Os escritos Herméticos são lidos com introspecção e com parte deles a serem usados nos Rituais. Da colecção de dezoito obras, destacam-se *Corpus Hermeticum* e *Tábua de Esmeralda*. A personalidade de Hermes ficou vinculada como pai das artes ocultas, da astrologia, alquimia, filosofia e Magia Herméticas, consciência que perseguiu o espírito universal, o espírito revelador de todos os tesouros em terra e mar, conversor de corpos metálicos em ouro. Não é de todo espantoso, vemos a semelhança entre estas Magias com as presentes em diversos capítulos da História, porque os diálogos e tradições Herméticas floresciam muito...

E com linhas de texto já lidas, há mesmo estados dentro dos elementos que o espírito encerra, desde os óleos que curam doenças, Magias e ensinamentos para a transformação dos materiais, elixires vitais, até às chamas que continuam acesas sem diminuir a intensidade. São estes os segredos que os Herméticos procuram, através dos seus estudos, filosofias, ritos e encan-

tamentos. Os adeptos desta corrente religiosa, de pensamento e atitude mágica, quando estudam e conseguem desvendar partes do espírito da verdade, orientam-se, após arquivamentos, para demais trilhos onde se escondem mais segredos e mistérios do mundo, os quais trabalham com as energias dos seus adeptos e vice-versa.

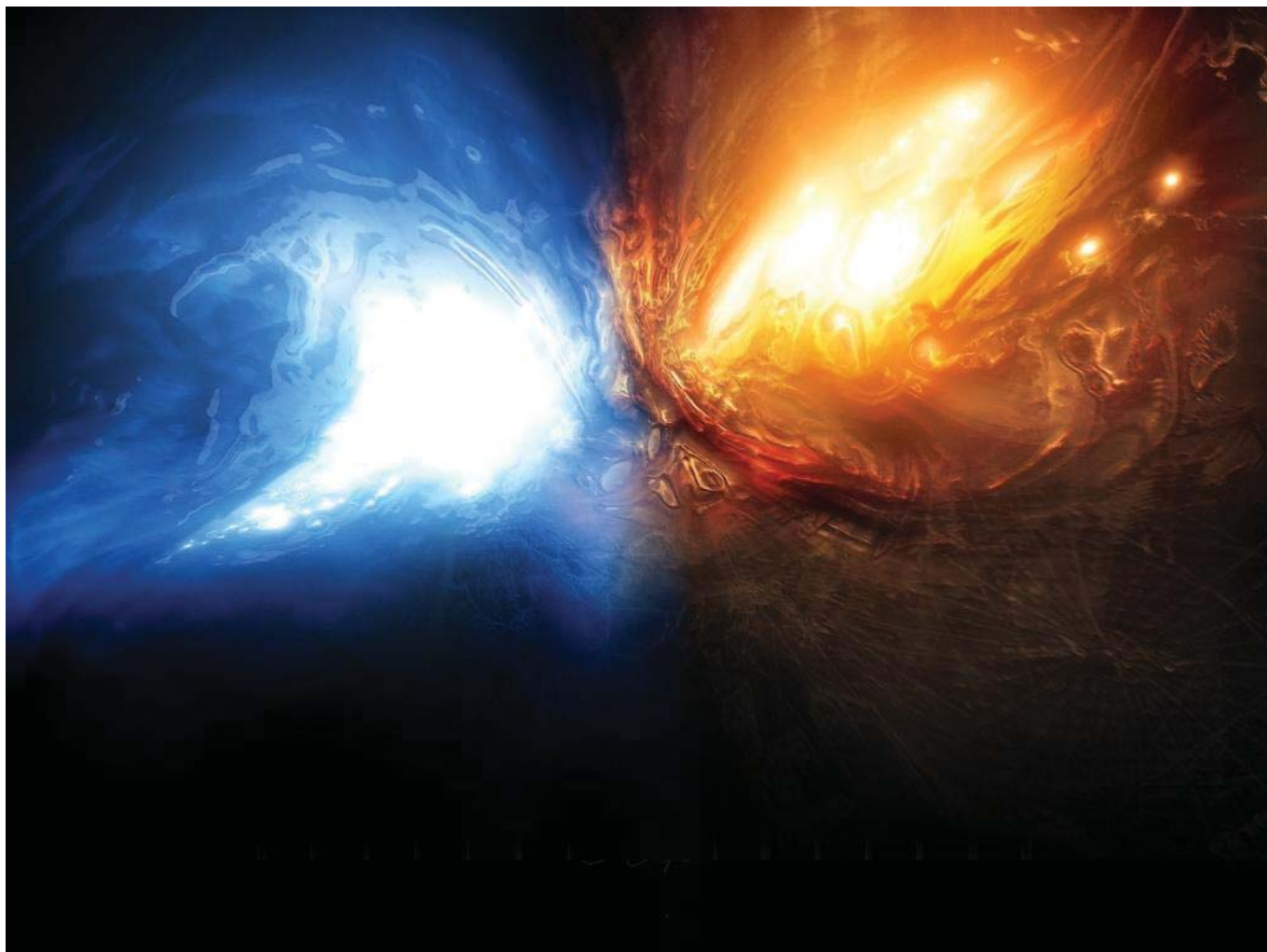
Para concluir esta parte, este espírito ao qual os Herméticos vão beber e endossar os seus Rituais e Cultos é o algo genial, poder divino, maravilhoso e nobre, pois este para eles abraçará o mundo inteiro, superando as propriedades dos limites dos elementos e da quinta substância. É esta, portanto, a dimensão de conceito de Magia suprema do Hermetismo e de que tudo faz parte do mesmo espírito de verdade e essência.

E este artigo sobre teoria de Magia e Ritual faz no Satanismo última paragem... Na alma que claramente detém o olhar da publicação *Infernus*, diria “a cereja no topo do bolo”.

No que toca ao Satanismo, a Magia e toda a sua circunferência simbólica são mecanismos de energia superior

res que fazem abrir a nossa mente a melhores percepções de realidades. A Magia que se integra no universo de Culto Satânico tem tons, à semelhança dos meus anteriores parágrafos, diferenciados, objectivos, recreativos, pragmáticos, quotidianos, profundos ou naturais, mas acima de tudo, poderosos! Sempre!

Vamos alinhar os tais tons nas duas principais veias em termos de Magia que existe no Satanismo ou, escreva-se, as duas principais veias que avaliam o aspecto de alguma Magia ou algum Culto com que nos deparemos. Uma das veias é apelidada como “Magia Cerimonial” e a outra como “Magia Mundana”. Em termos de “Magia Cerimonial”, mergulhamos em Rituais intensos e melodramáticos com ambientes e objectos substancialmente idealizados, nos quais a performance e o alinhamento são emocionais e específicos para a transformação da teatralização em forças dinâmicas. Simplesmente, são raios do Culto Satânico desligados de fisionomias intelectuais. Na categoria de “Magia Mundana”, mergulhamos em Rituais que não acontecem tanto em cenários ou ambientes





com a disposição ritualista anterior, mas sim em qualquer área do quotidiano, pois trata-se de Magia e Ritual com acção natural e sem etiqueta. Desenvolvendo, são atitudes manipulativas, nas quais uma regularidade de acções é entendida como fascinante ou hábil, sem qualquer predisposição e/ou postura específicas. Simplesmente, são faces variadas que se aplicam para alterar vontades e situações concordantes de outrem, raios do Culto Satânico mais físicos, naturais, muito persuasivos e satisfatoriamente provocatórios. O poder, o dinheiro, os vampiros psíquicos, a beleza, o odor, o apelidado *glamour* e *"bon vivant"* social, são métodos de manipulação... olhar um quadro enfeitado; consumir um livro e/ou um filme; saciar o apetite com cozinhados fantásticos... é nesta linha de lógica: obras de e com magia, feitas com a naturalidade de Rituais de trabalho ou séria Magia, por parte dos autores.

Tatuadas estas palavras no papel, asseguro-vos: uma interpretação minha da cosmologia mágica Satânica. Há que não deixar de ler mais e melhor daquilo que é necessário para vós, noutros itens tatuados, e depois, sim, iniciar uma vossa interpretação pessoal para aplicação. Pensemos nas várias realidades que nestas várias teorias se encaixarão...

É premente dedicar um pouco da escrita à questão sobre as difamações que se fazem à volta das Magias e dos Rituais Satânicos, em que se alegam abusos, horrendos episódios e demais desconchavos. Contudo, não levanto armas para cruzadas ou bastões diabólicos, hipóbole que julgo incrivelmente bem marcada pelos meus inimigos, porque o meu ideal aqui é humildemente passar a minha artimanha filosófica. Noutros locais de batalha, aí sim, ao tocar da trombeta, marcharemos...

Existem pessoas com a ocupação ou mania da caça aos Satanistas. Seja mais ou menos visível, nirvanas de tais perseguidores são julgar o que não compreendem e catalogar da forma que melhor assenta nos seus propósitos os Rituais, a filosofia e o mundo do Satanismo. Periodicamente, o que



as sociedades fazem é criar os bodes expiatórios para que sejam os controladores de tensões sociais e políticos. Interruptores. O processo social para descortinar os receios da sociedade por algo é um dos esforços políticos, que procura embater em grupos com códigos morais alternativos, porque o es-

forço político faz do seu tempo cruzadas morais e caça às bruxas a minorias sociais. Presentemente, os títulos para Culto Satânico mantêm significados falsos e elásticos nas bocas das sociedades, uma vez que tudo é escrito e abordado por intermédio de preconceitos e carga de receio sem fundamento. É de

“A personalidade de Hermes ficou vinculada com pai das artes ocultas, da astrologia, alquimia, filosofia e Magia Herméticas, consciência que perseguiu o espírito universal, o espírito revelador de todos os tesouros em terra e mar, conversor de corpos metálicos em ouro.”



senso comum em livros e jornais que Satanismo e Culto Satânico são avaliados como grupos de jovens vândalos e mutiladores de animais, gangues de criminosos e assassinos ao género psicopático, abusadores de crianças, violadores fervorosos, juventude delinquente, grupos religiosos não convencionais ou uma espécie de rede criminosa de máfia! Todas as tendências orais devido a uma denominada adoração ao diabo são próprias das massas cinzentas que se lançam a estes títulos e fazem deles verdade real. Porém, tudo isto é demasiada cor e demasiado floreado, já que tais títulos vingam na sociedade pelo organismo geral de preconceitos, inerentes lendas urbanas, propagandas ideológicas cegas e surdas, distorções nos sumários de incidentes, falsos testemunhos e, logicamente, desinformação! Não quero com isto passar a mensagem que todo e qualquer indivíduo que se faça passar nos títulos de Satanista ou Culto Satânico, seja prontamente alvo de integridade – não se mete a mão no fogo por... – e eu posso até estar a dar conhecimento sobre Satanismo, mas não sobre todas as pessoas que a ele buscam objectos e residência. Parto do princípio, que a diferenciação ganha no teste final, parto do princípio, que a inteligência é a arma contra os próprios adversários do Satanismo, no Satanismo.

A sociedade ofende os trâmites do Culto Satânico quando verbaliza uma rede de conspiração para que sejam, novamente, os crimes que envolvem supostos grupos religiosos ligados à adoração ao diabo, consequências do Satanismo e para que as pessoas de imediato pintem clichés com as consequências de rumores e histórias sinistras, por o Satanismo estar envolvido. Agora, seguramente, o Ritual Satânico não leva as suas metas para o abuso nem para o crime! Já algumas vezes, os Satanistas, não as cópias, isto o disseram e aqui fica sublinhado mais uma vez! E a conta de somar, cresce...

Com perspectiva assinalada, retornando ao âmago do artigo, digo que interessados por Magia geral a vêem como um patamar burocrático, enfadonhamente complicado, longínquo do toque mundano e somente elitista. Com certeza que a Magia Satânica é elitista e requer conhecimento, prática e inteligência, mas nem tudo o que se faz em termos de trabalhos mágicos, Satânicos ou outros, é meandro com casca. Existem tarefas simples, textos e condutas simples, processos naturais na Magia e quando se perceber isto alguns panos cairão por terra, pois afinal Ritual/Magia é um lado básico do Homem,



uma espécie de visão visceral, um núcleo emotivo, sobre as suas realidades, os seus ambientes, as suas ânsias, com causa e consequência dos seus talentos físicos e mentais a um mesmo empenho.

O ingrediente de mistério e a pitada de enigma sobre a Magia, na minha ideia, não precisam de ser abolidos, mas quando se embrenham, pesam, passam a ser pouco favoráveis, repare-se nisso ou não. Será o Satanista ou um adepto de Magia a definir o grau de mistério ou enigma que melhor se adequará à sua imaginação, de forma a fazer fruir os seus gestos, tal como para ele que caminhos serão alvo...

A finalidade da Magia no Satanismo é a da gratificação pessoal, marcas e crescimento próprios. No ritualismo do "Caminho Relativo" em que se insere, a noção de relativo aplica-se desde a dificuldade ou facilidade das práticas

até à finalidade das mesmas. A clássica definição de finalidade de Magia é a separação absoluta da bondade *versus* maldade, porém, o Satanismo define Magia como ambas as partes, como não absolutas e dentro da sua relatividade são Magia, acessório e trunfo, simplesmente. Uma e outra face podem provocar satisfação ao executor da Magia ou do Ritual.

Há três tipos de Ritual Satânico dentro da "Magia Cerimonial": luxúria, compaixão e destruição. Cada um dos tipos poderá ser realizado por uma única pessoa ou em dupla ou mesmo em grupo. Tendo já conduzindo este segmento do artigo por conceitos do que é preciso juntar a um Ritual, tomo a mente aberta dos leitores para falar sobre ingredientes para uma realização plena do Culto Satânico. E são eles: o desejo, a escolha do momento, o imaginário, alinhamento e factor de equi-



líbrio. São as fibras para boa alimentação...

O desejo é respeitante ao ímpeto, à motivação e à propulsão emotiva para se fazer o ritualismo, a fórmula que resulta na força final ao objectivo; a visão.

A escolha do momento indica, claramente, uma decisão madura, o momento certo que muito interfere no sucesso do Ritual, em que a receptividade do alvo é alta; a altura em que o horizonte do ritualismo é sentido ao máximo.

O imaginário é basilar no processo mágico, porque a carga profunda de lembrar ou visualizar algo é um dos mais precisos passos. A mente deve procurar agarrar-se a acontecimentos e o uso de fotografias, música, perfumes, desenhos, textos, deve ser incorporado para que o Satanista possa penetrar perfeitamente nas suas posturas ao objectivo: quanto mais cru e exagerado o conceito artístico estiver, melhor para o imaginário se salta.

O alinhamento diz respeito à forma como o Satanista fica a sentir-se psicologicamente. Quanto mais energia acumulou no Ritual, mais leve o seu pensamento estará no fim, porque alinhou agradavelmente o desejo e a acção dentro de si. Se no fim de um Ritual o Satanista se sentir ansioso, perdido em artimanhas e ruas alternativas, no desassossego por qualquer fuminho de sucesso daquilo que desejou, é sinal que alinhou pouca, ou mal, energia; um correcto alinhamento dignifica a Magia.

O factor de equilíbrio é um aspecto pequeno, dentro da espessura de um Ritual, mas não deixa de ser importante. O Satanista deve conhecer as suas capacidades e adequá-las com sinceridade às suas necessidades; o talento de entender que o máximo não é sempre possível, evitará que um falhanço mágico aconteça por causa de um ego inchado ou confundido.

No decorrer do Ritual Satânico é normal respeitar-se as direcções em que o símbolo de *Baphomet* e o altar estão dispostos. Usa-se o símbolo de *Baphomet* em Rituais, exemplificando, um desenho, um quadro ou um poster, mas não seria menos gracioso ter um dos participantes com ele tatuado, o qual seria contemplado como o corpo de *Baphomet*... um devaneio da minha parte.

No caso de um Ritual ser realizado por mais do que uma pessoa, as palavras serão proferidas de igual forma após o líder, bem como os actos, se for caso para isso. Os rituais são enriquecidos com as expressões "*Shemhamforash!*" e "*Hail Satan!*", entoados com

alma, naqueles capítulos definidos do Ritual. Depois, no que toca a elementos possíveis de ser usados num Ritual Satânico, temos a presença do vestuário, do altar, do símbolo de *Baphomet*, das velas, do sino, do cálice, do elixir, da espada, do falo, do gongo e do pergaminho. Estes elementos estão associados à estética, aos simbolismos, à matéria, ao ego, ao poder, à fertilidade, às emoções e miscelânea Satânica. Sublinhando a frase que citei da *Bíblia Satânica* no princípio deste artigo, no desejo de assimilardes melhor o valor destes elementos e não só, consultai o *Livro de Belial*.

O Satanismo aplaude-se na sua mais importante noite de Magia e robustez, aquando do *Walpurgisnacht*. Este feriado Satânico remonta à existência da *Sta. Walpurgis* nos séculos VII e VIII, a qual está imortalizada numa gruta que exsudava um óleo notavelmente eficaz contra as doenças. A comemoração desta mesma personalidade e local dá-se na noite que inicia o mês de Maio, data de um anterior festival pagão, o grande clímax do Equinócio da Primavera, pela sua carga ritualista, de eficácia energética... noite, portanto, em que seres nocturnos aparecem para trazer a fruição da Primavera nos seus gestos jocosos. Obviamente, fazemos aqui vénia a uma data importantíssima no aspecto mágico e ritualista satânico.

Posso não ter incluído um pormenor face aos ritos do Satanismo, acima, mas não me esqueci dele! Nos Rituais Satânicos, pode – deve – usar-se o idioma Enoquiano, um idioma muito antigo e usado por ocultistas ao longo do tempo. LaVey deu-nos a conhecer a sua tradução do mesmo, influenciado por uma tradução a que teve acesso, desenvolvendo as "*Chaves Enoquianas*", desde sempre muito secretas e blasfemas, na *Bíblia Satânica*, com as quais a Magia e o Ritual no Satanismo serão enriquecidos e rematados, uma vez que após o essencial da cerimónia ritualista estar conduzido, o conteúdo destas palavras convocadas em Enoquiano combinado com graciosidade pode auxiliar a um borbulhar tremendo na espessura da atmosfera e ambiente. A crespíssima tonalidade desta língua poderá produzir um efeito mágico excepcional, entre a activa emotividade de um Ritual, já que é uma ferramenta central para a realização de um acto de Culto Satânico de êxito superior.

Muito da Magia de um Ritual não é o poder dos ingredientes em si, mas o que leva a obtermos esses ingredientes. Por exemplo, terra, ar, fogo, água apenas existem por serem resultado de ou-

***“Agora, seguramente,
o Ritual Satânico não
leva as suas metas
para o abuso nem para
o crime! Já algumas
vezes, os Satanistas,
não as cópias, isto o
disseram e aqui fica
sublinhado mais uma
vez! E a conta de so-
mar, cresce...”***

tras coisas que deve dominar-se e então aí dominar-se-ia o poder obtido do Ritual. E o Satanismo condecora-se pela sua Magia e pelo seu Ritual complexos, elitistas, sábios e engradecedores, mas igualmente pelas simplicidades, naturalidades, carnalidades e luzes das velas nas expressões soberanas do rosto de *Baphomet*.

Em suma, neste artigo fiz menção a outros tempos de história, determinadas crenças e Magias e Rituais, agarrando os detalhes lineares e semelhantes entre os tempos e espaços, mas sempre com o impulso de procurar entender os diversos níveis e aspectos que este mundo em particular de teoria ritualista possui. Nas várias vertentes, nas várias personagens. Procurei decifrar modos de cultuar e realizar Magia diferentes, fossem elas antigas ou recentes, numa vontade minha em juntar consciências, apresentar conhecimentos ou simplesmente sublinhar o que já sabíamos.

Magia/Ritual é teoria diversa, é prática diversa, não obstante, preenche-se num sentimento universal e num ciclo de emoções: desejo e intensidade viscerais.

Tudo é relativo, tudo é parte, natural e energia que aguarda por excitação, seja onde for e por quem for e a densa arte de agir espalha-se nas nossas respirações... ●



Bacanal

B. M. Resende

*deixei terras longínquas
adornadas de cordilheiras
apresso-me a derivar
para cânticos do báquico*

*vultos pelas veredas
recolhem-se aos telheiros
desejando límpida língua*

*aventurados ditosos
sapiestes em mistérios
emancipam-se no tiaso*

*fazemos bacanaís
em montanhas purificadas
bradando tirsos
em pinhas coroados*

*ide bacantes
por brotados verdes prados
vistosos em frondosas bagas
celebrem*

*ramos de carvalho
trovões alados
fulminem raios
coroem chifres de touro
em serpentes
delas se cingem cabelos
ménades de caça selvagem*

*ide bacantes
bordar vestes de gamo
mosqueadas em anéis
brancas pelagens
e a terra dança
conduzida ao tirso
com multidões femininas
oreibasias
afastadas de teares
por agulhão dionisíaco*

*ide bacantes
criar círculos
forrados a couros
misturados às forças
por sopro das flautas
ecoem gritos*

*evoquem sátiros
tomados em exaltação
lançados às danças
ide bacantes
por prazeres de correrias
prostrações ao solo
sobre trajés húmidos*

*cacem o sangue
do bode imolado
sparagmos
para delícia omofágica
e do solo as cascatas
de leite
de vinho
de néctar*

*segurem fumos de incenso
chamas incandescentes
em tochas de abetos
clamem frementes
ide bacantes
em esplendores de áureos cursos
cantem
no surdo rufar de tamboris
na flauta sonora
desvairem-se em risos*

*por ágeis membros
saltem
exclamem em bramido estri-
dente
evoé*

Sobre os Bacanaís

No terminal que hoje somos confluem os fluxos dos passados, e dos antepassados, na esfera social em que nos inserimos vemos o culminar do presente, modelação dos fios intelectuais e espirituais desembocados no plano físico, mas, em geral, podemos afirmar que os valores e padrões de hoje não reflectem totalidades de heranças, ou, muitas delas encontram-se diluídas, outras absorvidas, outras ainda irremediavelmente perdidas, restam as conquistas das derrotas, vencedores da História e vencidos, percorrendo o percurso histórico se denota, muitas vezes, as ausências Humanas, no contrário, Contra-História, parece que as existências muitas vezes reluzem, e vibram freneticamente, o mesmo trajecto na filosofia como suporte à interacção do «Eu» com outros, e com o Universo.

Problemática de hoje e sempre, a platónica caverna, um paradigma embrenhado em todos os interstícios, uma base dos mundos cristianizados, devotos à ideia abstracta, ao governo sem a experiência de se governar a si mesmo, ódio autista ao existencialismo concreto, à sensualidade, ao perspectivismo, às puras sensações, *modus operandi* da cultura de rejeição do «Eu», é elementar a orientação do concreto para o abstracto profundo, servilismo como triunfo do exoterismo paulista, devidamente embebido nas fabulações platónicas, e tudo o resto, ou quase, entra directamente para a componente oposta ao ideal do dualismo, ou ao mal, seja a Contra-História, a Contra-Filosofia. Contra a mimética platónica, a arte, contra o mundo inacessível da idealização abstracta, a emoção.

Aos aglomerados existentes de cadáveres em espera de reabilitação, seja ela feita a tempos por um ou outro espírito exterior à caverna platónica, iluminado, sentem-se as lufadas de ar fresco à retórica *ad nauseam*, ao vácuo sistema exotérico mímico predominante nas entranhas dos âmagos, e, então, encontra-se algum esoterismo, ou um puro prazer de simplesmente existir, tendo sido um dos mais importantes resgates feito por Friedrich Nietzsche à Grécia Antiga, terreno fértil ocultado durante mais de mil anos.

No enorme espólio, quantitativa e qualitativamente, encontramos “*As Bacantes*” de Eurípides, que, para além da arte inerente, é uma peça fundamental para a compreensão da religião dionisiaca, dos seus rituais e magias, sobre as experiências psíquicas em profundidade e a necessidade de irracionalidade Humana. Datado de cerca



de IV a.c., o escrito de Eurípides foi levado à cena postumamente, a par de “*Ifigénia em Áulide*” e “*Alcméon*”, peças integrantes da trilogia que obteve a distinção máxima nas Dionísias Urbanas. Não era nova a temática, a julgar pela existência, das embora desaparecidas, Bacantes de Xénocles. Imenso de realismo pungente, e de sentimento Humano, o trabalho de Eurípides parece superar nos dias que correm o de Sófocles e o de Ésquilo, os outros dois grandes expoentes da tragédia grega clássica, o que parece denotar uma atracção genuína pela arte do irracionalismo, das supressões da lógica e dos mecanismos socializantes.

Diónisos, entidade central ao tema abordado, romanamente nomeado de Baco, nasce da relação de Zeus com Sêmele, um deus filho de mulher mortal. Consequências nos despoletados ciúmes de Hera, por mais uma traição ao matrimónio, acabou Diónisos por ser gerado na coxa do pai, e Semele

transformada em cinzas, trilhos sinuosos narrados aprofundadamente na obra de Eurípides, onde se contam as deambulações do jovem deus, as suas instruções religiosas e culturas de vinha, assim como as suas vinganças à rejeição dos seus rituais e divindade. Deambulando pelas complexidades mitológicas gregas, pode-se observar, a exemplo, as complicadas relações amorosas do soberano do Monte Olimpo, matrimónio com Métis, seguidamente com Têmis, posteriormente com Sêmele, relacionamento no qual conjugou diversas relações, com Europa, Dânae, Alcmena, Leda, Calisto, Io, Antíope, Égina, Ganimedes, e a referenciada Sêmele. Das desmedidas árvores genealógicas derivadas do exposto, situa-se o presente caso no deus das festas, dos vinhos, dos lazes e prazeres, e rituais a ele associados, tendo em conta as escavações na ilha de Ceos, Grécia, podem-se remontar tais cultos ao século XV a.c., colocados em ima-



gens por sobreviventes vasos gregos datados de meados do século V a.c..

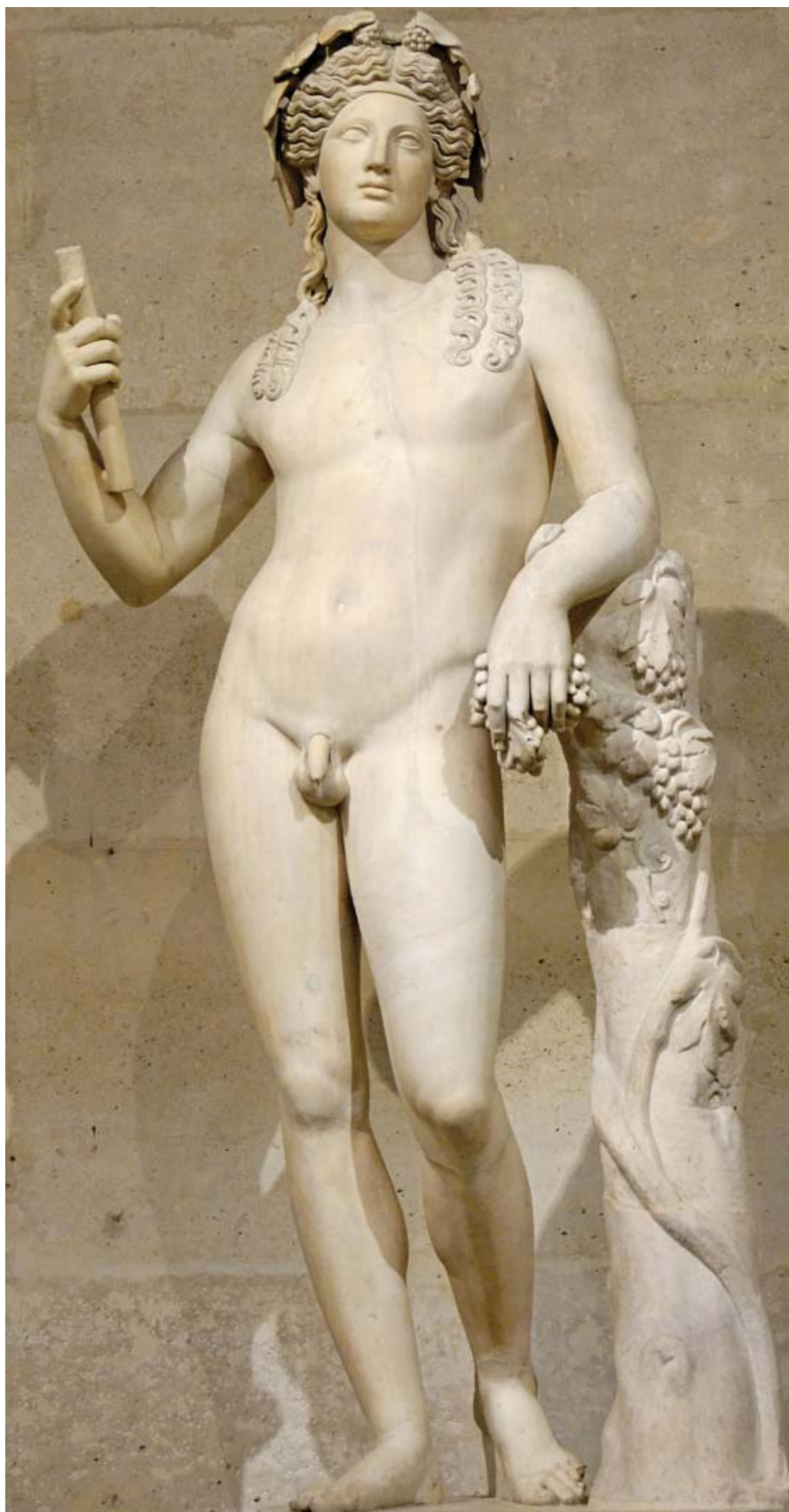
Uma possível imagem do deus pode ser representada por uma forma de jovem risonho e festivo, longa cabeleira loira e flutuante, segurando, em uma das mãos, um cacho de uvas ou uma taça de vinho, na outra, um tirso, bastão envolvido em hera e ramos de videira, possuindo em cima uma pinha, objecto esse usado pelas ménades, ou bacantes, seguidoras do deus e encarregues dos cortejos frenéticos e restantes ritualísticas.

Simbolicamente representado pelas heras e videiras, fertilidades agressivas, Diόνisos era também o deus do vinho, o néctar potenciador das alterações de consciência, divinizações e supressões momentâneas da personalidade, do irracionalismo, não só como também, os êxtases, ou supostas presenças do deus, metamorfose da individualidade para a de Diόνisos, seriam atingidos através de um conjunto de rituais, magnificamente expressos na obra abordada de Eurípides.

Trienalmente se reuniam mulheres em grupo, o chamado tiaso, durante o Inverno usando ligeiras vestes e pés descalços, nas altas montanhas dançavam e corriam freneticamente ao som de flautas e tambores, o chamado *oreibasía*. Posteriormente perseguiam um animal selvagem, que apanhavam e dilaceravam, *sparagmos*. Finalizado o processo, o animal era comido cru, *omophagia*.

Mitologicamente as ritualizações eram acompanhadas de sátiros, para além das bacantes, seres sobrenaturais metade homem metade bode, semi-deuses, logo mortais, mais tarde romanizados para faunos. Em muitos festivais dedicados a Diόνisos na Antiga Grécia, nas diversas tragédias representadas precedia-se uma peça chamada "satírica", onde os intervenientes se mascaravam de sátiros, dançando, tocando flautas e tambores.

Finalizando, conclui o bacanal por conclusão resumida, salienta-se a frase de Walter Burket, do seu livro "*Griechische Religion der archaischen and klassischen Epoche*", "o êxtase dionisíaco não é obra de um indivíduo isolado, mas um fenómeno de massas, que arrebatava as pessoas à sua volta de forma quase contagiante." •



“o êxtase dionisíaco não é obra de um indivíduo isolado, mas um fenómeno de massas, que arrebatava as pessoas à sua volta de forma quase contagiante.”

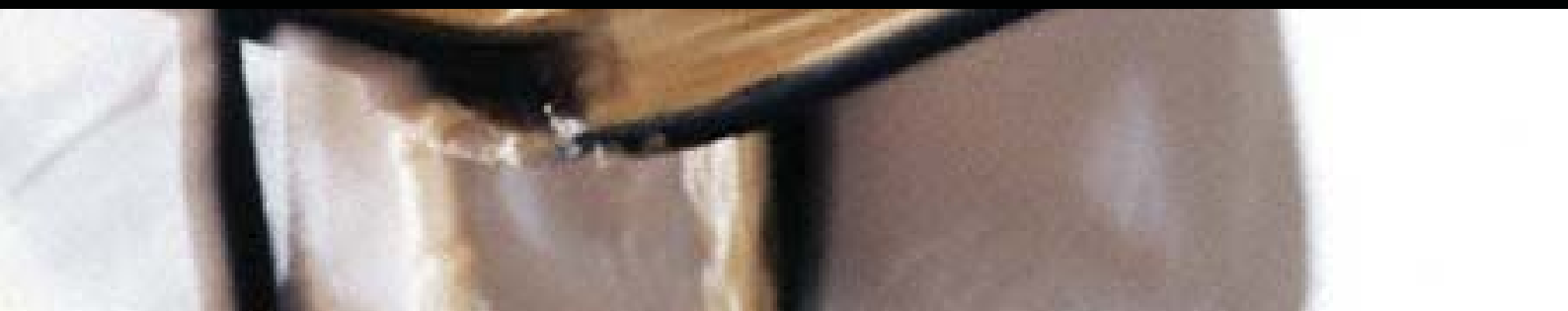




Rituais de Iniciação

Metzli

Há dias de sol intenso, que para nós poderiam ser apenas mais um dia, mas que se revelam como um mensageiro de boas-novas. E nos locais mais simbólicos de uma vida, porque não no ex-líbris de determinadas vivências, surge a notícia há muito esperada. Aqueles que já cá estavam quando aqui chegamos consideram que a altura chegou, que apesar de todos os erros o mérito nos assiste e que estamos preparados para deixar a ombreira da porta e entrarmos num mundo que achamos que conhecemos, mas que cedo descobrimos que não é bem assim. O ritual de iniciação está marcado. O longo ano de pensamentos cinzentos que me acompanhou chega ao fim.





Desde o primeiro ao último instante, o negro da noite mistura-se com o negro dos corpos e todos os que ali nos encontramos sentimos que esses momentos foram pensados só para nós, as pessoas que lá se encontravam tinham apenas o intuito de nos servir, de nos ajudar e de se manterem afastadas de tudo, não num segundo, mas num terceiro plano. E por essa noite, pelo trabalho realizado para nos acolherem num mundo mais amplo do que aqueles que os nossos olhos conseguiam (e conseguem) enxergar, sinto-me no direito de falar sobre rituais de iniciação. Nunca iniciei e penso seriamente em nunca iniciar (a não ser que veja nos outros a entrega que vi em mim e em quem esteve sempre ao meu lado), mas passei por eles, por ritos de várias naturezas, de várias importâncias também é claro, que me fazem pensar no que de tão emblemático eles possuem, qual o denominador comum, e se haverá, por trás de todo esse teatro, algum vestígio de realidade, de sentimento e de, consequentemente, significado.

Toda a vida é em si um ritual. Um ritual com normas mais ou menos rígidas, com objectivos mais ou menos claros, com satisfação mais ou menos imediata. Um ritual cheio de outros rituais, que todos juntos, ou em separado, lhe dão um significado maior. O que vos proponho é um olhar para vermos o todo pelas suas partes.

O meu primeiro ritual de iniciação foi o católico. Não me lembro do meu, mas como é igual a todos os outros posso-me permitir tecer alguns comentários. Este é um exemplo de um rito obrigatório, e como tal estereotipado, cheio de dizeres escritos para todos e sem significado para ninguém. Seguiram-se na minha vida outros ritos iniciáticos de cariz religioso, também eles





genéricos, pensados para as massas e não para o indivíduo. Eu continuava sem idade para poder, na altura, perceber e dar significado. O que me leva a pensar em três coisas.

Primeiro. Os rituais de iniciação, por serem momentos importantes em que um determinado grupo nos reconhece e aceita como um dos seus elementos, não deviam ter lugar em idades pouco avançadas, em que o indivíduo não consegue perceber toda a grandiosidade do que lhe está a acontecer. Seria muito mais simbólico estes ritos acontecerem quando já existe consciência, e acima de tudo uma escolha individual, que apontasse esse como sendo o caminho a seguir. Destas minhas primeiras experiências, nada guardo além dos vestidos, das fotos e das recordações de terceiros e, apesar de tudo, gostava de guardar algo mais...

Segundo. Os rituais de iniciação, por serem cerimónias para iniciar indivíduos diferentes deveriam também eles ser diferentes de caso para caso.

Se pensarmos num ritual de iniciação como a cereja no cimo de um bolo feito de esforço desde o primeiro ao último momento, de dedicação para servir uma causa maior e mais antiga do que nós e que ficará cá (esperasse) mesmo depois de nós partirmos, de lágrimas e sorrisos a acompanhar todos os nossos passos, não seria de esperar que essa cereja fosse diferente, uma vez que o bolo também o é? Mas isso não é o que acontece. A maioria dos ritos iniciáticos é encarada como algo que tem de permanecer imutável ao longo dos tempos. Há, mesmo assim, tradições em que se mantêm apenas os pilares ancestrais, mas a essas já lá vamos.

Terceiro. Se alguém vai ser considerado como um elemento válido dentro de um grupo, como é que se concebem rituais de iniciação para idades em que não podem ser dadas quaisquer provas? Nem a escolha é oferecida ao iniciado. É-lhe atribuído um caminho, acabando por ser arrastado. Não é importante fazer-se a escolha, nem dar


***“Toda a vida é em si
um ritual. Um ritual
com normas mais ou
menos rígidas, com ob-
jectivos mais ou menos
claros, com satisfação
mais ou menos ime-
diata.”***




provas do seu valor, porque não são questões relevantes. O importante é incutir desde sempre o caminho a seguir e esperar que ele seja feito, pelo número, nunca pelo valor.

O que eu quero também é falar dos outros casos, daqueles em que não somos obrigados, em que não nos é fechada nenhuma porta se não passarmos por eles e muito menos somos nós quem decide quando eles terão lugar. Devo aqui confessar que passei um ano da minha vida a suspirar por um em especial (mais correctamente, não por “um” mas por “O”). Todos os dias desse ano me deitava a pensar em como seria e todos os dias dava o meu melhor para ser convidada a vivê-lo, cada vez mais com a certeza que não seria considerada válida para tal, embora tenha chegado na altura mais especial.

Os rituais de iniciação são em si mágicos, não por encerrarem movimentações de energia com determinado fim, mas por representarem momentos únicos de vivências que nunca mais se

vão repetir e que marcam pontos de viragem, a partir dos quais a vida nunca mais será a mesma. E a vida nunca mais será a mesma porque nós não o permitimos. Um momento tão especial entra em nós e com uma força imbatível que nos impele a andar num caminho traçado por tradições milenares, que foi alargado ao longo dos tempos mas que contém o trilho inicial, pisado por sapatos sem idade nas pedras de uma calçada de uma outra cidade. Sapatos iguais e diferentes que caminham sempre em frente, até um dia se sentirem num caminho diferente e se afastarem. Há sapatos que, contudo, ficam, que vão mas que voltam quando sentem uma voz a chamá-los e que na volta vêm revigorados e cheios de força para dar mais alguns passos.

Um outro factor destes rituais de iniciação é que, por serem únicos e irrepetíveis e por serem determinados por quem está à nossa frente, fazem sentir-nos especiais e necessários à caminhada e dão-nos ainda mais força para seguir

em frente. Há sempre pessoas adiante, que nos abrem, quando assim o entenderem, os portões para nos deixarem entrar e que deixam as suas pegadas para nos guiar. Depois de nós uma certeza absoluta: haverá sempre pessoas atrás de nós, a quem abriremos os portões e a quem teremos de deixar pegadas no chão. E é esta certeza, que os outros, os antigos, também sentiram, que nos faz ter a necessidade de proporcionar aos mais novos os mesmos ritos de iniciação, que tanto significaram para nós, e que guardamos no espaço mais terno dos nossos corações.

Porque no fundo, embora todo o nosso discurso tente ser dotado de superioridade (temporal), temos orgulho e alegria até (porque não?) em haver mais novos para ensinar, que bem ou mal, não deixaram morrer algo que é tão nosso e que também nos foi passado. Sem estes ritos, por muito puritana que uma comunidade seja, acaba por morrer. Talvez a chave esteja em preparar bem quem se segue para o ritual não perder o seu valor, e não ser banalizado, e ao mesmo tempo assegurar que serão capazes de perpetuar essa tradição no tempo e no espaço. Quem sabe?

A verdade é que neste tipo de rituais de iniciação já são levados em consideração os três aspectos referidos anteriormente. Existe a escolha de um caminho e o prestar provas para mostrar o valor e o quanto essa etapa é desejada. Há mais uma vez a entrega total, o despir de qualquer fraqueza e medo e o aceitar de bom grado o que é oferecido, porque é isso que se deseja, foi por isso que se lutou até ao último (e entendam último mesmo como último) instante, ficando a promessa de não abandonar a luta *“aconteça o que acontecer, enquanto precisarem de mim”*.

Todos os rituais de iniciação têm de possuir uma espinha dorsal comum, para que sejam identificados como sendo uma parte de uma tradição, mesmo este último tipo de rituais que vimos. O que acontece de diferente neste é que o que rodeia a espinha dorsal é diferente, pensado para ser assim, para ser de uma só pessoa e de mais ninguém, nem em palavras. É este um outro aspecto que me fascina nos rituais, o mistério que os envolve, fazendo deles acontecimentos únicos e místicos. (Qualquer que seja o ritual, ainda que possa ser descrito exhaustivamente, quando realizado por outra pessoa já será diferente. E ainda que seja a mesma entidade jurídica a fazê-lo, na altura já não será a mesma pessoa, e experimentará momentos únicos e diferentes. É a impossibilidade de repetir um ritual em todos os seus actos e sentimentos que o



torna também, em parte, mágico).

Quem passa por um ritual de iniciação está apto a poder repeti-lo (ou assim se espera, para que a tradição não se perca), mas recusa-se a dividir a sua experiência com quem lá não esteve. Ainda que se possa falar dele com quem esteve ao nosso lado, nunca conseguiremos fazê-los sentir aquilo que sentimos, expressar aquilo que representou para nós. Mas temos a certeza que foi importante para todos, embora tenhamos vivido os mesmos factos de formas distintas. Quanto aos outros, todos sabem que ele ocorreu (embora o secretismo nos diga que não pode ser assim, que tem de acontecer sem que mais ninguém o sabia), os mais audazes até lá estiveram, só para ver nem que fosse num momento, quem lá estava e o que fazia. A mesma tradição que reúne os iniciados impede que outras pessoas possam estar lá para dividir o ritual, sem nos perguntar se queremos ou não essa “protecção”, e muitas vezes não queremos...

Outras pessoas têm o privilégio de lá estar, desempenhando o papel de figurantes muitas vezes, ajudantes noutras mais simbólicas, sem perceber nada do que lhes está a passar diante dos olhos. Apesar dos viraes de costas, há palavras que são levadas pelo vento, gritos que fazem questão de ser audíveis por toda a cidade, todo o universo conspira para que a informação vá passando, e ao mesmo tempo para que quem a recebe não a perceba, porque não tem bagagem suficiente, porque não é o seu momento de iniciação, mas o de alguém mais que quis que lá estivessem.

Só quem é iniciado e quem inicia é que partilha de todo o esplendor e sentimento desses momentos. Só quem está apto a enfrentar uma nova etapa, um novo caminho diante de si (ou quem trilhou já esse chão e está, mais ou menos, próximo do adeus) é que sente todas as brisas que lhe batem no rosto e percebe o sentido de cada uma,



que entende que esse momento nunca mais se repetirá nas suas vidas e que têm de lhe extrair tudo o que puderem. Mas, como em todos os outros instantes, o tempo teima em não parar e esse ponto alto no percurso, esse reconhecer de mérito e aceitação como igual, finda e fica apenas na memória de quem tem agora a responsabilidade de fazer o mesmo, assim que sinta que o deve, e nos objectos físicos trocados (caso se aplique), que ficarão no local mais visível da estante para que sejam observados, mas nunca entendidos.

E ao olhar para trás, fica sempre o sentimento que nunca ninguém será como nós, que são ingratos, que não entendem todas as vezes em que as suas asas foram cortadas, ou então de todas aquelas vezes em que voaram por céus demasiado iníquos e foram castigados. E começa a nascer um sentimento dico-tómico, que por um lado nos faz pensar que temos de continuar com estes rituais de iniciação por um bem maior, que nos une a todos, mas que por outro considera que ainda há muitas provas a dar para que isso aconteça de novo no nosso micro universo.

Não é fácil atingir os limites, os recordes de quem já cá esteve, ou está, há

muito tempo. Não é fácil ser-se o segundo e nunca o primeiro, conseguir, por mérito (mais uma vez repito, por ser o cerne de toda a questão. Por mérito de dar sem receber nada em troca, de reunir um espólio de situações e vivências que nos permitem subir uma hierarquia escalada até ao topo da montanha, onde poucas chegaram e tiveram prazer nisso), inovar e viver não só um ritual de iniciação, mas também um ritual de “re-iniciação”, criado só para nós. Mas quem vem depois não tem culpa do tempo ter as suas leis tão próprias e de não ter chegado antes, de não ter vivido e crescido na mesma conjuntura de forma a ter as mesmas oportunidades, e deverá ter agora condições necessárias para mostrar também o seu mérito, e viver o seu ritual de iniciação.

Para quem se afasta ficam as lembranças de mãos desconhecidas entrelaçadas nas suas, cabelos embrulhados em papel, rosas da cor do sangue mais nobre (desabrochadas em noites de luar, porque não?) e uma eterna “Célia”...

“Naquele tempo, sentir-me era acreditar na igualdade e no poder natural da distinção pelo mérito.” **Filipus Escavaderus** •

“Qualquer que seja o ritual, ainda que possa ser descrito exaustivamente, quando realizado por outra pessoa já será diferente. E ainda que seja a mesma entidade jurídica a fazê-lo, na altura já não será a mesma pessoa, e experimentará momentos únicos e diferentes. É a impossibilidade de repetir um ritual em todos os seus actos e sentimentos que o torna também, em parte, mágico.”



Visita ao Meu Coração

Outubro



Outono que não é o Outono das folhas douradas e dos céus revolvidos de nuvens rápidas e ventos decididos. São dias molhados, pegajosos e quentes demais para nos vestirmos de Inverno puro, são dias cortados por ventos su-

jos que nos renegam aos poucos o calor implacável do Verão e ao mesmo tempo nos prendem nesse impasse enfadonho do tempo que nem brinda, maltrata, ou se decide. O momento em que apetece saltar directamente para a lisura géli-

da dos dias de céu limpo de Inverno e fugir para uma floresta acolchoada de neve limpa e silenciosa, sentir os sapatos ranger sobre ela, o nariz e as faces geladas e vivas.



Quinze dias limpos das ruas feias e mascaradas deste maldito subúrbio de Outono eterno, quinze dias longe das escadas plantadas de garrafas da noite anterior, dos rostos ora inertes, ora tensos, mas sempre desprovidos da graça capaz de os fazer lembrar, é tudo o que desejo neste instante.

Pois muito bem. Inventá-los-ei. Visitarei o meu coração num local imaginário, que me iguale nos sentidos. Sem bagagem.

Vesti o casaco e saí. É claro que o tive de tirar logo a seguir pois o tempo pregara-me a partida habitual. A morrinha indecisa cumprimentou-me à saída, com a sua habitual indelicadeza e pensei: “Morre para aí. Vou-me embora.

Deixei-me levar velozmente pela auto-estrada no meu bólídezinho preto pequenino e maneirinho com fachada de topo de gama e cú económico e troquei de dimensão logo na primeira portagem. A acolher-me do outro lado, uma paisagem de gelo. Ao fundo montanhas. Cinquenta quilómetros depois o sinal por que tanto ansiava: Vila Ne-

*“O sol morria, por
entre as árvores, com
um sorriso prometedor
e a estrada continuou a
serpentear serra acima,
lavando-me aos poucos
a memória das coisas
feias e acinzentadas
de que acabara de me
descolar... a custo.”*

gra – Dez quilómetros. Aumentei o volume da música, até que esta ecoasse dentro de mim, e disse-lhe: “Estou de visita” e ela respondeu: “Pois, estás a falar com a aparelhagem”.

A saída. Os separadores metálicos depuseram-me suavemente numa estrada estreita e tortuosa, rasgada no tempo, no meio de um bosque serrado, interrompido de quando em quando por silhuetas escuras de casas de janelas parcamente iluminadas. Luzes baixas. Um tema amplamente discutido com amigos, em cujas salas de jantar me apetecia pôr óculos escuros. Como se a luz me berrasse aos ouvidos. O sol morria, por entre as árvores, com um sorriso prometedor e a estrada continuou a serpentear serra acima, lavando-me aos poucos a memória das coisas feias e acinzentadas de que acabara de me descolar... a custo.

Os faróis iluminaram um portão enferrujado, à direita. O sinal. Vila Negra, dois quilómetros. Entrei. O caminho estendia-se à minha frente, branco, trilhado de marcas escuras de pneus. Não estava ansiosa. Era como se a viagem me tivesse arrancado de vez da insatisfação latente que pautara os meus últimos dias e me acalmasse inexplicavelmente, apesar de me saber vertiginosamente perto do meu cora-





ção, junto do qual permaneceria não mais que quinze dias.

Já via as luzes da vila.

O portão de entrada e a saudação de boas-vindas talhada num singelo bloco de granito: “Bem-vindo ao Seu Coração”.

08:00. Alguns habitantes passeavam pelas ruas, detendo-se aqui e ali em dedos de conversa longos, interrompidos por gargalhadas. Ao chegar à longa rua que subia até minha casa vi as primeiras caras conhecidas:

- Boas. Estás de volta? Vieste na hora exacta. Aparece amanhã para o almoço. Abrimos um estúdio. Vamos lá passar a tarde no “improvisar”.

- Excelente.

- O que te trás?

- Eu.

Sorrisos.

Despedimo-nos e subi a rua íngreme. Ao cimo desta, a minha casa. Pedira ao pessoal de serviço, para a preparar durante a tarde. Três degraus encimados por uma pesada porta de madeira escura, iluminada de um dos

lados por uma tocha de vidro fosco, ao cimo de um braço de uma ninfa de bronze, escura, roliça e ondulante, lascivamente enrolada numa pequena coluna.

Abri a porta e o calor envolveu-me apetecivelmente no hall brandamente iluminado por pequenos candeeiros coloridos. O chão de madeira ligeiramente polido e aromático parecia sorrir-me timidamente sob pesados tapetes de cores mornas. Despi o casaco. Depois a camisola, as calças, as botas, as meias, a t-shirt, o soutien, as cuecas e deixei-me levar nua pela casa. Subi as escadas de madeira maciça até ao primeiro andar. Ao fundo, a porta da casa de banho entreaberta, salpicada de velas bruxuleantes, deixava escapar um insinuante aroma a baunilha e o som inconfundível de um certo piano.

Mergulhei na grande banheira de mármore e servi-me de um copo de vinho de uma garrafa ali abandonada propositadamente.

O trasto picante e vivo desse néctar das serras deixava adivinhar o ligeiro sabor da madeira onde repousara alguns anos. A cor vermelha escura e transparente, anunciava-me em pro-

fundo silêncio a chegada ao meu coração, distorcendo jocosamente os objectos em meu redor, no interior do copo largo, ovalado, alto, sublime... como quem diz: “Nada é realmente sério”. O tempo, desdobrou-se amavelmente, permitindo-me saltitar longamente pelos detalhes. A janela ogival ladeada por painéis de vidros coloridos, os veios pálidos do mármore rosado, a rua lá fora, os ecos da floresta, as toalhas escuras e fofas a aconchegar os toalheiros negros.

Três quartos de hora depois vesti o meu robe de seda lisa, macia e confortável e desci de novo as escadas, para a sala de jantar. A lareira estava acesa, emprestando a todos os objectos sombras longas e trémulas e lambendo-os ao de leve de um laranja que lhes parecia aligeirar as formas, conferindo à sala a aparência de um casulo.

O jantar: Sopa de creme de castanhas, seguida de um succulento bife grelhado, perdido no meio de um prato tingido de vermelho, batatas gratinadas, tarte de amoras, café e licor. A refeição expurgou de mim os restos de ansiedade e irritação, que insistiam





ainda em colar-se a mim (mesmo depois do banho), envolvendo-me num torpor agradável mas também inextinguível: os meus olhos pareciam pesar toneladas e o corpo gritava pelo sofá, o que aliado aos chamados do dito, em conclusão com a lareira, me impossibilitou de lhe recusar tal benesse.

Deitei-me na minha posição favorita: Odaliska, afundando-me nas macias almofadas de veludo negro com um sorriso idiota.

O telemóvel tocou, piscando a azul eléctrico. Alex.

- Estou?

- Lara?

- Alex? Por onde andas?

- Soube que estavas em Vila Negra. Também cá vim passar uns dias.

- Fartaste-te da Cova da Moura?

- Acho que vou ficar aqui uns tempos.

- Como?

- Arranjei uma parceria com dois tipos, que vieram viver para cá.

- Conheço?

- Não, mas devias conhecer. Temos uns planos interessantes para Vila Negra.

- Sim? Que planos são esses?

- Depois conversamos. Aparece.

- Sempre a deixar-me em suspense.

- O suspense é um vasodilatador.

- Bem sei, bem sei...

- Bom, deixo-te, por agora.

- Eu ligo-te.

- Fico à espera.

- Então fica.

- Quando?

- Espera.

- Sucubo.

- Polichinelo.

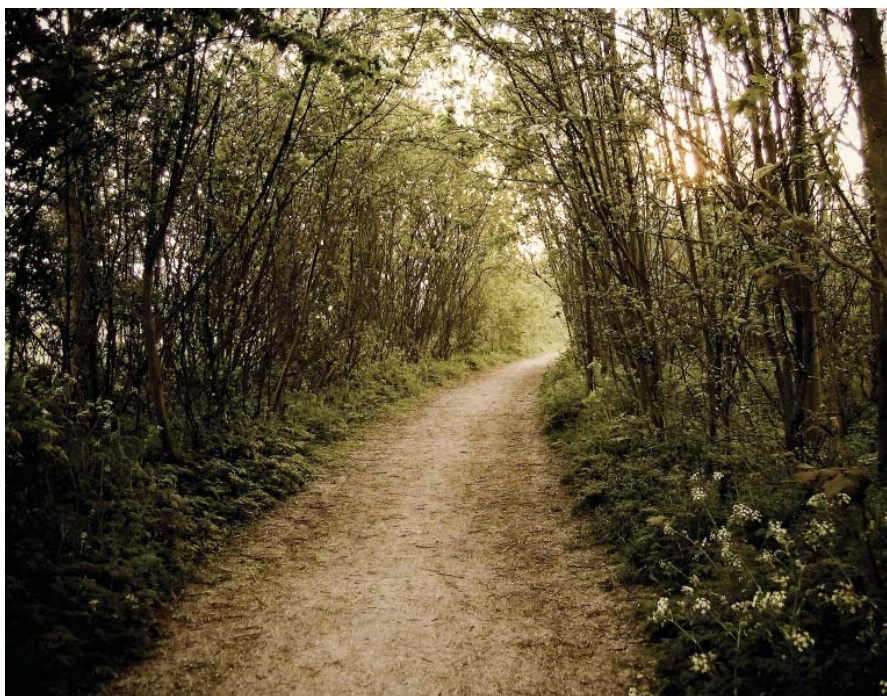
- Harpia

- Lingrinhas.

- Boazona.

- Adeus.

Desliguei e dei uma gargalhada. "Lá se foi o torpor, lá se foi a contemplanção. Estava eléctrica. Alex tinha o condão de me electrizar com notícias incompletas e aquele toque de insoficiência lubrificada, que ainda por cima me



deixava espaço para pensar que EU era a maior. Adiante.

Que estaria a fazer naquele preciso momento o tarado? Despropositado como era, jamais perdia tempo com diálogos interiores do tipo. "Ainda é cedo, estou a fazer a digestão", em vésperas de qualquer coisa importante. Zás! Aposto que se ouviam uivos vindos de uma certa janela, na Rua das Flores.

"Vou ao bar", pensei.

Num estado de espírito absolutamente absurdo e oposto ao que me assaltara quase de surpresa depois do jantar, corri pelas escadas acima, para me vestir. Mas iniciado o ritual diante do grande espelho de corpo inteiro, perdi-me, como de costume, no "mete CD tira CD tira cabide põe cabide" prolongando-o, emprestando-me espaço, inspiração, caprichos, retoques, tá-rá-rá, empossando-me da magia que apenas a noite é capaz de operar em mim e em que é, geralmente, bem sucedida.

A roupa: Um vestido longo e singelo, cor de mar, um casaco negro de veludo, uma jóia minimal, uma pesada pulseira de pedras semi-preciosas e um toucado anos vinte nos cabelos (também anos vinte, como sabem). Eye-liner. Batom vermelho sangue. Ponto final.

Terminado o processo, desliguei as luzes e desci languidamente as escadas. As escadas: Os degraus eram altos o suficiente para me permitir descê-los com aquele ar. Ninguém dá grande importância às escadas, mas a porcária

dos degraus curtos e estreitos, convidam aquela passada mesquinha e curta dos escravos a caminho do emprego, às sete e meia da manhã, não sei se já repararam.

Desci a rua até ao bar do Jonas. Um antro limpo, (mas não anticéptico, no sentido pires e "neonlítico jameson" da estética nocturna) em que os recantos serviam para aparecer ou para desaparecer e a música nos infectava de ideias cuja concretização se prolongava ocasionalmente até ao nascer do dia. Um momento igualmente solene naquela serra.

O Félix e a Mafalda já lá estavam, preguiçosamente espojados nos grandes sofás do canto, a rir com histórias macabras, como era habitual.

- Por aqui, Lara? - disse a Mafalda.

- Vou ficar quinze dias.

- Unga. Fazes bem. Lisboa não se atura. O meu vizinho do lado, partiu um pé no martelo pneumático. É bem feito. Aquilo não é obras em casa, é compulsão de partir tijolos. "Sem querer" amaldiçoei-o por me acordar às oito da manhã a um sábado, pela terceira vez, este ano. Devia estar mesmo irritada, coitado, mas pelo menos o barulho parou.

E ali ficámos num marulho calmo. Blá, blá, blá, história macabra ao meio, blá, blá blá, história macabra ao meio, bocejo, "isto passa depois da meia noite", etc. e tal...

Até que o vimos - de sobranceiras demasiado arqueadas, meio cruéis meio cómicas e barba bicuda.

O que é AQUILO? ●

***"A lareira estava acesa,
emprestando a todos os
objectos sombras longas e trémulas"***



MELANIE LAETITIA MANTIS
M A S K E N B A L L

LA CHANSON NOIRE

O BORDEL DE LUCIFER
AZABEL

*

HOLLOW HILLS (BAUHAUS)



THE COMPLETE PIANO AND VOICE SESSIONS
FOR YOUR LISTENING PLEASURE!

- OUT SPRING 2009 -

500 COPIES LIMITED EDITION 7" VINYL

"MAIS BELO DO QUE ANJOS A CANTAR!..."

J.C.

"ATÉ ME VIERAM AS LÁGRIMAS AOS OLHOS!"

LUCIFER



WWW.HELLOUTRO.ORG